

A REPÚBLICA DO FUTURO



TRAD. E ORG. DENIS M. RODRIGUES JR.

AP

ASA DA PALAVRA



A REPÚBLICA DO FUTURO

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Ana Lúcia Siqueira Silva - CRB 8/7956

D661r

Dodd, Anna Bowman, 1858-1929.

A república do futuro / organização e tradução: Denis Márcio Rodrigues Junior. – Campinas, SP : Asa da Palavra, 2023.
148 p.

ISBN 978-65-87407-31-9

E-book no formato PDF

1. Dodd, Anna Bowman, 1858-1929. 2. Ficção americana. 3. Mulheres na literatura. I. Rodrigues Júnior, Denis Márcio, 1992-. II. Título.

CDD: 813.4

Copyright © 2023 by Asa da Palavra
Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19
fev. 1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autori-
zação, por escrito, dos detentores dos direitos.

Conselho Editorial da Asa da Palavra

Daniela Birman

Érica Lima

Jacqueline Peixoto Barbosa

Jefferson Cano

Lúcia Granja

Marcos Siscar

Mário Frungillo

Viviane Veras

Direitos reservados à

Asa da Palavra

Rua Sérgio Buarque de Holanda, no 571

Campinas – SP – Brasil – CEP: 13083-859

<https://publicacoes.iel.unicamp.br/asa-da-palavra/>

Instagram: @asadapalavraeditora

Facebook: /asadapalavraeditora

Twitter: @asadapalavra_

A REPÚBLICA DO FUTURO

OU

SOCIALISMO UMA
REALIDADE

POR

ANNA BOWMAN DODD

TRADUÇÃO E NOTAS

DENIS MARCIO RODRIGUES JUNIOR


ASA DA PALAVRA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
A REPÚBLICA DO FUTURO	41
NOTAS	105
REFERÊNCIAS	137



Apresentação

Denis Marcio Rodrigues Junior

Futuros do passado

A República do futuro é ambientada na mesma Nova Iorque em que a autora Anna Bowman Dodd vivia, mas, como o título indica, a narrativa é situada em um futuro distante. Ao analisar obras como essa, é fácil fazer comparações entre aquele futuro imaginário e o nosso presente, já bem mais próximo de 2050 do que de 1887, procurando por artefatos tecnológicos e organizações políticas que se concretizaram. No entanto, esse tipo de análise, embora divertido, pode ser enganoso. Qualquer livro, mesmo aqueles situados em um futuro ou passado distantes, lança luz sobre o seu próprio tempo em primeiro lugar. Autores de utopias, distopias e ficções científicas, ao observarem as

tendências tecnológicas, sociais ou políticas de seu tempo e especularem sobre elas, constroem futuros do passado. O século XIX, período de grandes transformações, tensões sociais e descobertas científicas, provocou muitas respostas desse tipo.

Entre as múltiplas opções disponíveis, a escolha de *A República do futuro* de Anna Bowman Dodd para realização de uma nova edição se justifica, em primeiro lugar, pela sua circulação limitada, se comparado, por exemplo, com *Looking Backward*, de Edward Bellamy, ou com os livros de H. G. Wells, obras do mesmo período e de temática similar, mas mais amplamente lidas e estudadas. Em seguida podemos destacar que, enquanto Edward Bellamy publicou uma utopia e H. G. Wells distopias, o livro de Dodd é um caso exemplar de uma forma mais rara: a antiutopia.

—Mrs. Anna Bowman Dodd, author of 'Cathedral Days,' whose sketch of the home-life of the poet Stedman will be remembered by our readers, has chosen 'The Republic of the Future' as the title of a political brochure which Cassell & Company have in press for immediate publication. The little book is in the form of a series of letters written by a Swedish nobleman visiting America in the Twenty-first Century. The writer depicts the social, civil and political aspect of America as she supposes it might be under socialistic rule, after socialism had become a fixed form of government.

A primeira edição de *The Republic of the Future* foi lançada no final de julho de 1887 pela editora Cassell & Cia. No dia 30 de junho a primeira nota de divulgação apareceu no jornal *The Nation*, chamando-o de uma “brochura satírica antissocialista”; dois dias depois, o jornal *The Critic* de 2 de julho anunciou o livro como uma brochura política da já conhecida escritora Anna Bowman Dodd, autora de *Cathedral Days*, livro publicado no mesmo ano. Um pequeno resumo aparece nessa e em diversas outras publicações, bem como menções posteriores em listas de “livros recebidos”, demonstrando um bom apoio da editora para a escritora que já tinha se mostrado rentável. Propagandas do livro já à venda podem ser encontradas em múltiplos jornais a partir do dia 26 de julho com o preço de 50 centavos de dólar na encadernação normal e um dólar em capa de tecido. O preço era usual para um livro novo e pode ser considerado acessível – é difícil comparar valores em diferentes épocas, mas Newton² afirma que o salário médio de um operário, naquele ano, em Nova Iorque era \$1,18 por dia. Um catálogo do mesmo ano, publicado no final de outros livros da editora Cassell & Cia., lista *The Republic of the Future* pelo preço de 10 centavos – o valor é comum a todos os volumes do catálogo e o

tamanho diminuto da novela pode justificar a inserção, já que ele lista apenas obras com até 200 páginas. E quando, no ano seguinte, Anna Bowman Dodd publicou seu próximo livro, *Glorinda*, ela foi referenciada no New York Times de 08 de outubro de 1888 unicamente como a autora de *Cathedral Days*, seu primeiro livro, sem nenhuma menção de *The Republic of the Future*. Isso não significa que ele tenha sido um fracasso: o *Literary World* de 13 de outubro, em nota similar de divulgação, afirma que *The Republic of the Future* havia sido recentemente reimpresso em uma tiragem de 3 mil exemplares, enquanto *Cathedral Days* já estava em sua sexta edição revisada.

Anna Bowman Dodd foi respeitada e bem-sucedida como escritora em vida – recebeu perfis elogiosos em publicações especializadas, aparentemente teve mais de trinta edições de seu livro mais famoso, *Three Normandy Inns*³, e é até mencionada como uma celebridade literária em uma matéria sobre autógrafos encontrados em uma toalha de mesa no Christian Science Monitor de 08 de fevereiro de 1926 –, mas definitivamente era mais conhecida por suas narrativas de viagem. Sua solitária obra distópica – assim como seu solitário romance *Glorinda* – teve pouco destaque no conjunto de suas

obras, como pode ser visto na divulgação de seus escritos posteriores e em seu breve necrológico publicado na edição de abril de 1929 do *Writer's Digest*.

Mrs. Anna Bowman Dodd, author and journalist, died at her home in Paris on January 29. Her most recent work was a volume "*Talleyrand*," and probably her best known book was "*Three Normandy Inns*." Her writings included travel volumes on France, England and Turkey. In recognition of her devotion and activity in the cause of France during the World War, she received the decoration of the Legion of Honor.

Necrológico de Anna Bowman Dodd, *Writer's Digest*, abril de 1929

Décadas após a sua morte, em 1929, entretanto, foi a pequena brochura que tirou a escritora do esquecimento. Uma nova edição de *The Republic of the Future* foi publicada em 1970 como parte da coleção *The American Culture*, no volume *The Land of Contrasts: 1880-1901*, editado e comentado por Neil Harris, uma compilação de textos pouco conhecidos para tratar de assuntos complexos do período selecionado. O livro de Dodd é escolhido para tratar das discussões ao redor do status das mulheres, sendo publicado juntamente com *The Fall River Tragedy*, de Edwin H. Porter.

Nas décadas seguintes, a disseminação dos estudos de utopia, distopia e ficção científica ampliou ainda mais o interesse sobre a obra, mas seu alcance continua limitado. Por exemplo, ela nunca foi publicada em português antes, e espero que esta tradução abra possibilidades para novos estudos a seu respeito.

De fato, embora seja mencionada com frequência pela bibliografia especializada, *A República do futuro* foi estudada a fundo poucas vezes. Na enciclopédia *The A to Z of Utopianism*,⁴ a obra possui um verbete próprio e é citada em uma lista de trinta “importantes distopias literárias”, enquanto livros e artigos sobre utopia e distopia, assim como sobre construções literárias da comida ou da automação no futuro,⁵ mencionam-na apenas de passagem, como um exemplo ou em um aspecto muito específico, e pouco foi escrito diretamente sobre ela.

Acredito que *A República do futuro* tem muito a oferecer aos estudos de utopia porque, dentro dos muitos gêneros e subgêneros relacionados que com frequência se cruzam de maneiras difíceis de definir, este é um dos exemplos mais claros de antiutopia, uma forma relativamente rara.

Lyman Tower Sargent⁶ define utopia como qualquer sociedade inexistente descrita com considerável detalhe e localizada em um tempo e espaço específicos. O termo eutopia é utilizado para se referir a uma utopia positiva, em que a sociedade descrita é tida como consideravelmente melhor do que a sociedade em que o leitor vive. Por outro lado, a distopia é uma utopia negativa, na qual a sociedade descrita é considerada pior do que a sociedade em que o leitor vive. O termo antiutopia muitas vezes é tratado como um sinônimo de distopia, mas esse não é o caso. Sargent define-o como uma sociedade inexistente descrita com muitos detalhes, apresentada ao leitor contemporâneo como uma crítica a alguma eutopia específica ou ao utopismo em geral, ou seja, ao pensamento utópico, ou à utopia como temperamento social, que pode se manifestar como gênero literário, projetos urbanísticos, comunidades autônomas ou em outras formas. Nesse sentido, Tom Moylan⁷ descreve a antiutopia como conservadora e pessimista, definindo-a como o oposto da utopia, esperançosa e progressista.

Dodd cumpre muito bem com as duas definições: quando tentou imaginar os avanços tecnológicos e tendências políticas e sociais de seu tempo, ela não estava olhando

para o seu próprio futuro, mas para o futuro proposto por um outro grupo de pessoas. O subtítulo – Socialismo Uma Realidade – e a divulgação como uma “brochura satírica antissocialista” no jornal *The Nation* antes de sua publicação, já deixam claro que se trata intencionalmente de uma obra satírica e antissocialista. E, também, ao longo de suas páginas, diversos dos principais e mais recorrentes argumentos antiutópicos vão aparecer para ridicularizar e questionar as novas tecnologias, o sufrágio feminino e as reformas sociais como propostas em seu tempo. Dessa forma, o livro se destaca como uma antiutopia exemplar.

Uma vez mais, o caráter inevitavelmente histórico das utopias se torna evidente: ao construir sociedades melhores ou piores do que aquela em que vivem ou ao criticar um movimento ou teoria específicos, os autores estão abordando assuntos intrinsecamente relacionados ao contexto em que vivem, independentemente da distância espacial ou temporal em que coloquem suas sociedades imaginadas. A contribuição é rica para os dois lados: ao estudar uma utopia, é necessário buscar em outras fontes o contexto social em que ela foi criada para melhor compreendê-la; e, por outro lado, ao estudar um momento histórico, utopias que tenham

sido produzidas nele podem oferecer uma excelente fonte de informação.

Assim, uma pergunta fica clara: “anti” qual utopia? Em *A República do futuro* a autora está satirizando que visão utópica, presente no momento histórico em que o livro foi produzido? O socialismo, é claro, o livro deixa explícito. Mas o que significava “socialismo” naquele contexto? Quem eram os seus líderes e quais ideias eram o carro-chefe do movimento naquele momento? Em quais debates ela se insere? Esta edição se propõe a começar a responder algumas dessas perguntas a partir da pesquisa realizada em fontes primárias e secundárias, e cujos resultados são apresentados em notas de rodapé abrangentes – algumas com o objetivo de esclarecer termos cuja especificidade se perde na passagem para o português, ou cujo significado se alterou desde o final do século XIX, e outras que buscam oferecer informações históricas que possam auxiliar a compreensão do texto – e no texto introdutório. Podemos começar tentando compreender um pouco melhor a autora de onde parte a crítica às ideias socialistas.

Anna Bowman Dodd

Anna Bowman Dodd nasceu em 21 de janeiro de 1858 em Brooklyn, Nova Iorque, filha de Stephen M. Blake e Elizabeth Ann Blake. O pai era um comerciante rico e bem conhecido: a publicação *Real estate record and builder's guild* (Registro imobiliário e guilda de construtores) registra no ano de 1869 três transações envolvendo-o: duas vendas de imóveis no valor de 22 mil e 10 mil dólares e uma compra no valor de 39 mil dólares. Uma nota publicada na edição de 20 de abril de 1872 do *New York School Journal* também revela que ele era dono de uma propriedade alugada para ocupação da Primary School N° 21 pelo valor de 3.500 dólares por ano – o que corresponde a mais de dez vezes o salário médio anual naquele período.



Retrato de Anna Bowman Dodd

Anna Bowman tinha ao menos duas irmãs que, como ela, casaram-se com figuras proeminentes, demonstrando a alta posição social da família. Mary Hoyt Blake casou-se em 1862 com Daniel Bennett St. John Roosa⁸ – médico, professor universitário, autor de livros sobre Oftalmologia e Otologia, presidente de sociedades de medicina e membro de vários clubes de Nova Iorque. Já Charlotte Elizabeth Blake casou-se em 1869 com Abner Weyman Colgate⁹ – descendente de Robert Colgate, um imigrante inglês e pai de William Colgate, fundador da companhia multinacional de produtos de higiene que existe até hoje.

De acordo com um perfil publicado na edição de 28 de fevereiro de 1891 de *The Illustrated American*, Anna Bowman passou a maior parte de sua infância na França e começou a escrever histórias aos doze anos. Sua primeira contribuição publicada foi uma tradução de Théophile Gautier, que chamou a atenção de um editor a ponto de que ele lhe solicitasse textos próprios. Em 1881, um editor encomendou um artigo crítico e satírico sobre a *Concord School of Philosophy*, centro do estudo do transcendentalismo nos Estados Unidos, mas Anna Bowman se interessou pelo tema e acabou escrevendo um artigo positivo, que foi publicado por uma revista

rival. Como veremos a influência do movimento transcendentalista será extremamente relevante para compreensão de *A República do futuro*. Pouco depois a *Harper's* encomendou um artigo sobre políticos franceses que se tornou um grande sucesso, foi elogiado pelo editor como um dos melhores artigos do tipo em anos e traduzido para outras línguas.

Entre 1879 e 1883, ela publicou pelo menos doze textos em periódicos com o nome de solteira, Anna Bowman Blake.

Além desses, é provável que muitos tenham sido publicados anonimamente, outros tantos não tenham sobrevivido ou não tenham sido ainda digitalizados, e alguns simplesmente não tenham sido encontrados. Perfis da autora mencionam artigos no *Evening Post* e no *London Art Journal* que não encontrei, por exemplo.

De acordo com Sedgwick,¹⁰ para muitos autores, publicar artigos e histórias curtas em revistas oferecia melhor compensação financeira do que publicar livros próprios. Essas publicações mensais emergiram em grande quantidade na segunda metade do século XIX e apresentavam uma grande variedade de contos, romances seriados, ensaios, narrativas de viagem, história, resenhas e poesia, tornando-se o meio

pelo qual a maior parte da literatura era produzida e provavelmente lida. Em 1893, o autor William Dean Howells afirmou que era quase impossível manter uma carreira apenas com livros e muitos autores viviam bem através da publicação em revistas. Entre os anos de 1870 e 1890 as três publicações mensais mais populares eram *Harper's*, *Century* e *Scribner's* e, ao final dos anos 1880, as três circulavam mais de meio milhão de cópias por mês nos Estados Unidos.

Durante os anos 1870, o preço padrão pago pelos periódicos era 10 dólares por mil palavras, passando a algo entre \$15 e \$20 no final dos anos 1880 com a ampla competição entre as revistas. Para celebridades literárias então, os preços podiam alcançar valores muito maiores. Mark Twain, por exemplo, recebia entre \$17 e \$20 por página, nos anos 1870; recebeu \$75 por página de *Huckleberry Finn*, em 1885; e \$100 por mil palavras alguns anos depois. Ele chegou a ganhar \$462 por um conto ou por capítulo de romance. Por romances seriados, autores como Howells, George Washington Cable e Henry James podiam ganhar até \$5.000. Enquanto isso, de acordo com o jornal *Boone Country Recorder* de 11 de janeiro de 1888, o salário anual médio do operário americano era \$346,78.

Periódicos publicados como Anna Bowman Blake

Título	Periódico	Exemplar	Páginas	Notas
Church Music in America	Harper's New Monthly Magazine	December, 1878-May, 1879	735-740	Artigo sobre música de serviços religiosos na América. Crítico da indiferença religiosa de seu tempo.
The Gold Dollar	Frank Leslie's Illustrated Newspaper	January 11, 1879	334-335	Conto com tema natalino.
Madrigals	Harper's New Monthly Magazine	December, 1879-May, 1880	778-783	Artigo sobre história do gênero musical madrigal.
Midsummer's Night Adventures	Harper's New Monthly Magazine	June-November, 1880	617-625	Conto romântico sobre um jovem que se apaixona por uma moça.
Philosophy at Concord	Appleton's Journal	January-June, 1881	63-69	Artigo sobre a Concord School of Philosophy.
Impressions of an Open Air People	Lippincott's Magazine	December, 1881	571-579	Artigo sobre o povo francês e seus costumes de atividades físicas.
French Political Leaders	Harper's New Monthly Magazine	December, 1881-May, 1882	338-355	Artigo sobre a situação política da França no período, com ilustrações e descrições de diversos políticos.
An Afternoon at a french Hamlet	Lippincott's Magazine	July, 1882	31-40	Relato de viagem, descrição de uma pequena vila francesa.
Fontainebleau and Barbizon	The Art Journal	New Series, 1882	326-328	Artigo sobre história da arte. Influência Fontainebleau and Barbizon em obras de arte.
Seine Scenery	The Art Journal	New Series, 1882	366-368	Relato de viagem, descrição da paisagem ao redor do rio Sena.
Roman Carnival Sketches	Harper's New Monthly Magazine	December, 1882-May, 1883	893-907	Artigo ilustrado, relato de viagem, descrição do carnaval romano.
Michael Munkacsy	The Continent	May 2, 1883	545-555	Artigo ilustrado, criticismo de arte sobre as obras de Munkácsy

Revistas como *The Writer, Author* e o livro *Periodicals That Pay Contributors* tinham com público-alvo escritores aspirantes e alcançaram grande circulação, indicando que a perspectiva desses altos pagamentos levava muitos americanos a tentar escrever profissionalmente.

Anna Bowman Blake, bem estabelecida nesse mercado, provavelmente poderia sustentar-se como escritora, mas, em 25 de outubro de 1883, ela se casa com Edward Williams Dodd. Como as irmãs, ela une-se a um marido de alta posição social. Originalmente de Boston e vivendo em Nova Iorque, Edward Williams Dodd era um comerciante, acadêmico e literato amador¹¹. De uma linhagem proeminente, ele e suas irmãs eram os últimos descendentes vivos de John Hancock, líder político e comerciante durante a época da Revolução Americana, conhecido por sua assinatura proeminente na Declaração de Independência. Pelos próximos anos, o casal viveu em Nova Iorque e sua casa na Madison Avenue tornou-se conhecida como um local de encontro para as pessoas mais distintas da alta sociedade, arte e literatura.¹²

Casada com um homem rico e sem preocupação com seu sustento, Dodd diminuiu o ritmo de publicações de artigos e contos

em periódicos e, a partir de 1887, começou a publicar livros. Seu primeiro é *Cathedral Days: A Tour Through Southern England* continuando em um estilo que já dominava, a narrativa de viagem, com grande sucesso de crítica e público. No mesmo ano também lança *The Republic of The Future*, mas o caráter conservador e classista da autora já podia ser encontrado em seus escritos mais curtos anteriores e em *Cathedral Days*, como no trecho:

Não há nada como uma democracia para fazer com que as classes superiores realizem seu próprio trabalho. Eu mesma prefiro uma monarquia, onde há alguém na classe abaixo de você que está disposta, por uma consideração, a servi-lo.¹³

Em 1899, o casal se mudou para a Europa devido a problemas de saúde de Edward Williams Dodd, e em 1903 acompanharam o general Horace Porter, então embaixador dos Estados Unidos na França, em uma visita ao Sultão da Turquia, uma viagem altamente noticiada e que deu origem a outro livro de Anna Bowman Dodd, *In the Palaces of the Sultan*.

Edward Williams Dodd faleceu em 6 de setembro de 1909, após uma longa

doença. Ele recebeu notas de falecimento no *Louisville Courier-Journal*, no *Daily Tribune* de Chicago e no relatório anual da Century Association. Este último diz que com ele morre a linhagem de John Hancock, já que suas irmãs nunca casaram e ele faleceu sem filhos – uma nota no *New York Times* de primeiro de dezembro de 1889 revela que um filho do casal faleceu ainda criança. Após a morte do marido, Anna Bowman Dodd continuou a residir na França e, em 1914, apareceu em uma coluna social do *New York Times*, noticiando seu retorno após um período de várias semanas em Londres.

Durante a Primeira Guerra Mundial, ela participou da resistência francesa. Em 17 de outubro de 1916, assinou uma carta juntamente com diversos outros americanos vivendo na Europa endereçada aos Estados Unidos, *Message from Americans Abroad to Americans at Home* (Mensagem dos americanos no exterior para os americanos em casa). Eles afirmam que a neutralidade é indigna e que os Estados Unidos deveriam se juntar à guerra imediatamente, o que só acontecerá oficialmente em 6 de março de 1917. Seu nome aparece como secretária de correspondência na Organização Americana da Cruz Vermelha, em 1917 e, após a guerra, ganhou a condecoração da Legião

de Honra, de acordo com o seu necrológico já mencionado. Pouco antes de morrer, já idosa, ela vendeu sua mansão na Normandia e se mudou para um apartamento na Rue Marignan em Paris¹⁴, onde morreu em 29 de janeiro de 1929.

“Anti” qual utopia?

A posição social privilegiada de Anna Bowman Dodd certamente é relevante para compreensão de *A República do futuro*, mas devemos retroceder um pouco, para o final da década de 1880, e focar em eventos específicos que informaram a construção da obra.

Com frequência, *A República do futuro* é comentada ao lado de *Looking Backward*, de Edward Bellamy, de 1888: os dois livros passam-se em um futuro distante e apresentam uma sociedade socialista e automatizada, mas enquanto Bellamy constrói uma eutopia, em que o progresso tecnológico permite ao ser humano se libertar do sofrimento e da desigualdade, Dodd rejeita essa noção, construindo sua sátira antiutópica. É claro que não são as ideias de Bellamy que ela rejeita, já que seu livro saiu antes, nem me parece que *Looking Backward* foi influenciado

por Dodd. Anúncios de *Looking Backward* podem ser encontrados a partir de 14 de janeiro de 1888 no *The Publisher's Week* e no *The Critic*, enquanto a antiutopia de Dodd foi publicada no final de julho do ano anterior. Embora seja possível que Bellamy tenha lido *A República do futuro*, é improvável que tenha inspirado a escrita de *Looking Backward*, uma vez que os livros não dialogam diretamente e parte deles provavelmente foi escrita simultaneamente, considerando a diferença de cinco meses entre as suas publicações. Claramente não se trata de uma simples coincidência, entretanto, ambos inserem-se em um debate intelectual, social e político acontecendo nos Estados Unidos do final do século XIX.

À primeira vista, a visão que Dodd estava criticando parece óbvia: na narrativa, o escritor e economista Henry George é considerado o fundador da sociedade socialista, sua estátua está erigida no principal templo ético da cidade e seu livro *Progress and Poverty* é considerado a bíblia daquele povo. Algumas das resenhas contemporâneas parecem corroborar a ideia.

Na edição de 20 de agosto de 1887 do jornal *The American*, o livro foi elogiado por levar as teorias de Henry George até as suas

últimas consequências. *O Journal of Education* de 22 de setembro de 1887 fez coro em sua crítica ao socialismo das ideias de Henry George: o livro é útil, porque a imagem dada dos prováveis frutos do socialismo “vai fazer os tolos que acreditam no autor mais raros”. De acordo com a resenha publicada na revista *Education* em outubro de 1887, o livro é “bem calculado em expor a tolice e resultados horríveis da doutrina de igualdade absoluta”. Na mesma edição da revista, outra rejeição ao “socialismo” de Henry George é publicada no artigo “Dr. William T. Harris and his reply to Henry George” (Dr. William T. Harris e sua resposta a Henry George), de Mary E. Beedy. Nele, a autora elogia os argumentos do educador William T. Harris contra o imposto único sobre terras proposto por Henry George. Ela afirma que Harris é um benfeitor para as muitas pessoas atordoadas pelas afirmações generosas e eloquentes de George a respeito das classes assalariadas, assim como para os ainda mais numerosos cujas simpatias pelos menos afortunados foram enfraquecidas pelo que parece ser um esforço irresponsável para destruir algumas das fases mais valiosas da civilização. Criticando assim o socialismo de George pela sua radicalização, ela afirma que o contraponto de Harris colocará o debate sob a luz do bem comum.

O volume de outubro de 1887 da revista *The Catholic World* é particularmente interessante. Em sua crítica do livro, afirma-se que o mundo já parece sombrio o suficiente sem as aflições dos prospectos de *The Republic of the Future*. A “profecia” concebida por Dodd, com o governo centralizado, igualdade forçada e mediocridade intelectual, é vista como horrível e descrita de maneira bastante vívida. É uma resenha curta, mas um artigo publicado na mesma edição, intitulado “The State And The Land” (O estado e a terra), é uma crítica extensa e feroz das ideias de propriedade comunitária da terra proposto por Henry George. Outro artigo “Galileo Galilei and Dr. McGlynn” (Galileu Galilei e o Dr. McGlynn) defende o Santo Ofício da Igreja Católica contra declarações de Henry George e do Dr. McGlynn sobre a perseguição do segundo, a comparando à sofrida por Galileu. Edward McGlynn foi um padre seguidor das ideias de Henry George, que acabou sendo excomungado no início de julho de 1887. A revista católica e claramente confessional criticou em outros números o pensamento intelectual do século XIX, atacando, por exemplo, o ateísmo de Darwin (“Darwin’s Life and Letters” [Vida e cartas de Darwin], março de 1888) e todo o pensamento filosófico moderno e o método científico (“Leo XIII and The

Philosophy of St. Thomas” [Leão XIII e a filosofia de São Tomás], dezembro de 1887). Um trecho deste último artigo afirma que os princípios falsos de Bacon, Hobbes, Locke, entre outros, conduzem ao “socialismo, comunismo, anarquismo, divórcio, suicídio, infanticídio, desonestidade e imoralidade de todos os tipos,” conectando desenvolvimentos científicos, reformas sociais e imoralidade.

Outras resenhas não mencionam Henry George, mas deixam claro que as preocupações do livro eram muito relevantes. A edição do *The School Journal* de 27 de agosto de 1887 afirma que a narrativa possui uma base sólida de verdade para o que o socialismo seria caso permitido. Os fatos parecem repugnantes, com uma demonstração gráfica da opressão do povo que, a autora supunha, aconteceria com Nova Iorque caso entregue aos comunistas. O livro é descrito como “um estudo do tempo presente”. Na crítica da revista *Book News* de setembro de 1887, é tratado como uma extravagância divertida, mas “com uma base muito sólida de realidade”. Afirmam que nele, Nova Iorque se tornou uma cidade de comunismo absoluto, demonstrando a opressão de uma autocracia do povo, onde virtualmente todos se tornam escravos, sem liberdade de pensamento, de conduta ou de vida. O autor da crítica elogia

o livro e considera que vale a pena lê-lo “nesses dias quando os esquemas socialistas estão em alta”.

Fica claro que as ideias apresentadas em *A República do futuro* não são exclusivas da autora: o socialismo – termo genérico para ideias reformistas ou revolucionárias – era um medo real em publicações liberais e confessionais e Henry George era criticado como um líder socialista radical. Entretanto, outras reações ao livro questionaram essa ideia.

Na resenha publicada na revista *The Electric Magazine* de setembro de 1887, a imagem de futuro construída pelo livro foi elogiada como “pintada com vívida imaginação e como uma previsão toleravelmente justa dos eventos que facilmente poderiam vir a ser”. Compara a antiutopia com a *Oneida Community*, uma comunidade religiosa que existiu em Nova Iorque entre 1848 e 1881. De origem milenarista cristã – isto é, acreditavam que Jesus Cristo já tinha voltado e que a humanidade estava vivendo no Milênio profetizado no livro de Apocalipse, em que era possível viver uma vida perfeita em um paraíso terreno –, ela compartilhava várias características com a cidade imaginada por Dodd: todos os bens eram comunitários, mu-

lheres tinham o mesmo trabalho e poderes do que os homens e as crianças eram criadas comunalmente. Entretanto, o autor da crítica afirma que o livro poderia ter sido mais bem escrito e acredita que a autora não compreende e provavelmente não leu diretamente os escritos de Henry George, mas ainda assim não há nada ilógico na evolução da filosofia georgiana que ela propõe e o livro certamente pode ser útil para colocar para pensar alguns dos devotos mais cegos de George, a quem chama de os abolicionistas da pobreza.

Mais severa é a crítica publicada na revista *Science* em 19 de agosto de 1887 e assinada por Henry C. Adams. Ele elogia o livro como desprezioso e escrito agradavelmente, mas afirma que as características da sociedade do futuro representam muito mal as ideias socialistas, afirmando que a autora ignorava os melhores escritores socialistas ou propositalmente escolheu homens inferiores para ridicularizá-los mais facilmente. Adams aponta três erros: primeiro, que o socialismo demanda igualdade absoluta de condições, quando na verdade o que deseja é igualdade de oportunidades; segundo, que os socialistas acreditam que o governo deve direcionar tanto os métodos de gasto quanto os métodos de produção, prescrevendo como as pessoas devem se vestir ou construir suas casas, uma

noção que não é encontrada nos escritos de nenhum socialista; terceiro, existem muitas contradições entre a sociedade do futuro e os escritos de Henry George em *Progress and Poverty*, quando George não é um socialista, mas um defensor do *laissez-faire* – isto é, favorecer a livre iniciativa, a liberdade de mercado e a propriedade privada com pouca ou nenhuma intervenção estatal na economia – e só desejava uma reforma no sistema de taxaço.

De fato, ao analisar seu livro, Henry George nada escreve sobre a maioria dos assuntos tratados em *A República do futuro*, mas foca exclusivamente na proposta de um imposto único sobre a terra. Em outros textos, ele rejeitava abertamente o rótulo de socialista. Por que a escolha por ele como fundador da república socialista, então? E por que tantas publicações fazem coro a essa ideia? Novamente, a pesquisa histórica se mostra iluminadora para compreensão de uma obra utópica. Em 1886, George é candidato à prefeitura de Nova Iorque pelo partido United Labor Party, uma aliança de 115 diferentes sindicatos trabalhistas e partidos trabalhistas, incluindo a Central Labor Union, os Knights of Labor e o Socialist Labor Party. Os líderes do partido coletaram 36.000 assinaturas e entraram em

contato com Henry George que, embora não fosse socialista, era um escritor de sucesso, um nome respeitado e suficientemente aberto e simpático às causas trabalhistas. De acordo com Genovese (1991), George desejava usar o apoio como plataforma para aplicar suas ideias de imposto único sobre as terras, enquanto os sindicalistas e socialistas precisavam de um candidato moderado e de amplo alcance, após o medo causado pela revolta de Haymarket, ocorrida em Chicago em 4 de maio de 1886, em que um protesto pacífico em prol da jornada de oito horas de trabalho se tornou violento após uma explosão. George termina a campanha com significativos 31% dos votos, ficando em segundo lugar, à frente do candidato republicano e futuro presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, e atrás do candidato democrata Abram Hewitt.

O incidente em Haymarket e a campanha de Henry George, ambos ocorridos no ano anterior, configuram-se, portanto, como fundamentais na inspiração do livro de Dodd. O clima político de feroz rejeição às ideias reformistas justifica a formulação da antiutopia, e a liderança temporária de George na campanha de 1886 justifica sua escolha como líder socialista, não apenas para a autora do livro, mas para diversas outras

publicações, muitas de caráter confessional cristão.

Dodd defendia ideias conservadoras e classistas, desconfiava do movimento sufragista e socialista, mas isso significa que sua crítica da automação manifestava o mesmo sentimento antimoderno, baseado no retorno a uma epistemologia cristã encontrado na revista *The Catholic World*. Talvez em parte, mas ela tinha outras influências. Como apontado anteriormente, em 1881, ela publica um artigo sobre a “Concord School of Philosophy”, centro de ensino do movimento transcendentalista nos Estados Unidos, em que relata ter ouvido uma palestra de Ralph Waldo Emerson, a quem chama de o maior dos filósofos americanos. O movimento é outra importante influência para compreender as ideias manifestas em *A República do futuro*, tanto em sua defesa passional da individualidade, quanto em sua desconfiança da tecnologia moderna.

Muitos outros estudos podem ser realizados e outras conexões descobertas, eu acredito, não apenas em relação a este livro, mas muitos outros do gênero, obscuros ou amplamente conhecidos, que, ao tratar de futuros distantes ou sociedades fantásticas, talvez não tenham sido analisados suficientemen-

te em seu aspecto mais fundamental: como uma fonte rica para compreensão de um espaço-tempo histórico específico. Espero que esta edição tenha cumprido esse propósito de maneira adequada e, quem sabe, possa servir de inspiração para estudos mais profundos.

Agradecimentos

À professora Márcia de Abreu, pela proposta em primeiro lugar, e também pelo incentivo, pelas muitas notas e sugestões, que tornaram esse projeto possível. Aos colegas Ana Karla, Arieta, Jhonnata e Victória, pelo acompanhamento na jornada e pelas conversas produtivas. Ao CNPq, por financiar minha pesquisa, e ao meu orientador Carlos Eduardo Berriel, pelo aconselhamento e referências sempre úteis.

A República do Futuro

CARTAS DE UM NOBRE
SUECO VIVENDO NO SÉCULO XXI
PARA UM AMIGO NA
CHRISTIANIA.¹⁵

I

CIDADE SOCIALISTA DE NOVA IORQUE,

Primeiro de dezembro de 2050 A.D.

Caro Hannevig,

Enfim, como vê, minha jornada está concluída em segurança e eu estou bem desembarcado no meio dessa estranha sociedade socialista. Dizer que eu desembarquei é fazer uso de uma expressão tão obsoleta que deve falhar completamente em transmitir a você uma ideia verdadeira dos processos da jornada. Se eu tivesse escrito, eu fui arremessado em segurança para dentro do país, isso descreveria muito mais graficamente o método da minha chegada.

Você deve se lembrar, talvez, que antes de começar a viagem eu me encontrava em grande dúvida sobre que rota tomar – vir de balão ou por túnel. Já que essa última rota me permitiria aproveitar um espetáculo

completamente novo, o de ver a paisagem submarina, eu escolhi, sabiamente agora eu sei, vir pela Companhia Elétrica de Tubos Pneumáticos.¹⁶ Os confortos e luxos dessa rota submarina são inacreditáveis. A perfeição dos artifícios para providenciar ar quente e frio durante a jornada, por exemplo, é tal que os passageiros são capazes de ter quase qualquer temperatura à vontade.¹⁷ De fato, os carros são marcados 70°F, 80°F e 100°F e cada um compra o assento de acordo com sua preferência de clima.¹⁸ Eu notei que muitos dos viajantes reservaram lugares no departamento de banho, permanecendo a viagem toda em banhos turcos, russos,¹⁹ no departamento de vapor ou de submersão, uma vez que os diversos banhos presentes nessa linha ultrapassam o sonho de um romano voluptuoso²⁰ de tais luxos. Eu, entretanto, nunca tendo atravessado o grande túnel antes, estava naturalmente mais interessado no que estava passando tão rapidamente diante dos meus olhos. A velocidade com a qual fomos arremessados foi fantástica – cinco milhas por minuto²¹ – fazendo a jornada de três mil milhas²² em apenas dez horas de duração. A despeito da velocidade da nossa viagem, nós conseguimos, pela ajuda

de um processo fotográfico instantâneo,²³ como os de binóculos de ópera e telescópios, sentir que não perdemos nada pela rapidez de nossa passagem quase meteórica. Eu estava completamente despreparado para as belezas e as novidades diante dos meus olhos a cada momento. O carro de apreciação da vista é organizado admiravelmente. É possível absorver todas as maravilhas do mundo oceânico através de grandes portinholas de vidro nos lados côncavos dos carros circulares. O tubo mesmo, que é de ferro enormemente grosso, tem lados de vidro, também de enorme grossura, correndo paralelamente com as janelas do carro, de forma que a vista não é obstruída. Assim, as sensações despertadas, tanto pela novidade da situação como pelas maravilhas que observamos de passagem, combinaram para fazer a jornada extraordinariamente excitante. Nós fomos levados, por exemplo, através de exércitos de peixes, lindos de ver em tais massas, cintilando em suas armaduras opalescentes enquanto subiam acima ou afundavam para fora da vista nas profundezas abaixo. As súbitas depressões e abruptas elevações do nível do oceano faziam o cenário cheio de diversidade. Havia grande

abundância de cor, com o carmesim vívido das plantas coralinas e os rosas e amarelos delicados das muitas variedades de flora submarina. Às vezes parecia que tínhamos sido pegos em uma nuvem líquida de âmbar ou que iríamos ser enredados em um bosque de algas marinhas gigantes.

Acima de tudo, entretanto, em interesse, foi o repetido espetáculo de canibalismo acontecendo entre as raças de barbatana,²⁴ um canibalismo que ainda existe a despeito dos esforços persistentes e incansáveis das numerosas Sociedades pela Prevenção da Crueldade entre Cetáceos e Crustáceos.²⁵ Nós passamos por um grande número de pequenos barcos entrando e saindo de entre os grupos de botos, golfinhos e peixes menores, entregando suprimentos (de boa comida cristã) e punindo transgressores. Um missionário submarino, que aconteceu de sentar perto de mim, me contou que, dentre todos os animais vertebrados e invertebrados, os peixes são os menos passíveis de disciplina corretiva. Peixes aparentam ter nascido, ele continuou, com a forma mais rudimentar de instinto moral e, curiosamente, só prosperam à proporção que lhe permitem agir de acordo com sua natureza degenerada.²⁶ Ele também confessou em privado para mim

que, depois de cerca de vinte e cinco anos de trabalho ativo entre eles, os resultados do seu esforço eram bastante desanimadores. Uma vez, entretanto, que a doutrina budista da metempsicose²⁷ se tornou universalmente aceita, e cada uma dessas pobres criaturas é na verdade uma alma embrionária, cabe à humanidade fazer tudo em seu poder para elevar todas as tribos e espécies.

Como você pode bem imaginar, meu caro Hannevig, com tais espetáculos e especulações para animar a jornada, eu a achei curta demais. Sua brevidade foi, de fato, o único ponto negativo que impediu a minha completa satisfação. Eu descobri que as maravilhas da jornada foram, porém, apenas um prelúdio adequado para as surpresas que me esperavam na minha chegada. Eu deixo um relato tanto dessas surpresas quanto das minhas primeiras impressões da grande cidade na minha próxima carta, uma vez que esta, acredito, já cresceu para as proporções de uma epístola antiga.

Eu sou, meu caro Hannevig,

Seu amigo e companheiro de vida toda,

Wolfgang.

II

Caro Hannevig,

O tempo de três dias que se passaram desde a minha última carta para você tem sido tão cheio com uma confusão de impressões perplexas produzidas por essa espantosa cidade e seus ainda mais espantosos habitantes, que estou em dúvida se serei capaz de transmitir a você quaisquer imagens mais claras do que aquelas que ocupam desordenadamente a tela da minha própria mente. Irei, entretanto, me esforçar para reproduzir minhas experiências na ordem em que elas vieram a mim e permitir que você tire suas próprias conclusões.

A primeira coisa incrível que aconteceu comigo foi a maneira como eu cheguei ao meu hotel. Imagine ser explodido na costa, já que o tubo pneumático, estando a muitas centenas de pés abaixo do nível do mar, nos fez sermos literalmente explodidos na praia; lá nós encontramos um ônibus de balão de ar,²⁸ para dentro do qual nós e nossa bagagem

fomos transportados por meio de pequenos carros elétricos,²⁹ correndo em uma rampa inclinada. O balão subiu cerca de mil pés³⁰ no ar, permitindo uma ótima vista da cidade. Enorme não é uma palavra grande o suficiente para descrever um lugar tão vasto como essa cidade dos socialistas – ela tem a imensidão de uma planície sem fim, e a planura de uma também. Em tempos anteriores, eu acredito, a cidade original era uma ilha, da qual, de cada lado, fluía um rio;³¹ mas, à medida que mais e mais terra se tornava necessária, novos canais foram escavados e os leitos dos rios foram preenchidos de forma que agora, até onde os olhos podem alcançar, existe uma extensão sem limites de telhados.

Vistos de uma elevação aérea, não têm nada para atrair os olhos do ponto de vista pitoresco – havia poucas grandes construções de particular tamanho ou beleza.³² A cidade era notável principalmente por causa de sua imensidão. Quando eu pousei no meu hotel, descobri que essas primeiras impressões eram confirmadas por uma visão mais próxima.

Primeiro deixe-me lhe dizer, entretanto, que após entrar no vestíbulo do hotel, eu senti como se tivesse pisado dentro de alguma habitação de gnomos ou fadas. Nenhum humano se apresentou. Ninguém apareceu

para pegar minha bagagem, nem havia um atendente ou mensageiro visível em lugar nenhum. O grande salão do hotel estava deserto e silencioso como uma tumba vazia; a princípio eu não consegui nem encontrar um sino. Logo, entretanto, eu vi uma enorme mão de ferro apontando para uma mesa adjacente. Sobre a mesa ficava um grande livro com um cartaz no qual estava impresso: “Por favor escreva nome, país, duração da estadia e número de quartos desejados.” Tudo isso eu fiz. O livro então miraculosamente fechou-se a si mesmo e desapareceu! No próximo instante uma bandeja fez sua aparição onde o livro antes estava, nela havia uma chave, e na chave uma etiqueta com um número e as palavras: “Tome o elevador a sua esquerda para o terceiro andar.” O elevador, depois que entrei nele, parou como que por mágica no terceiro andar, quando outra mão de ferro disparou para fora da parede, me guiando para a esquerda. Logo eu encontrei o quarto designado para mim, abri a porta, e entrei para encontrar o apartamento em completa ordem, com as torneiras do banho³³ já ligadas!

Meu caro Hannevig, você pode acreditar em mim quando lhe digo que eu tenho estado neste hotel por quatro dias, tenho comido três refeições substanciais por dia, tenho estado bastante confortável

e ainda não vi nenhuma criatura humana, de senhorio a criado? O estabelecimento inteiro é cuidado por maquinaria.³⁴ Tem um aparato complicado de sinos que você toca para qualquer necessidade ou desejo concebíveis. As refeições são servidas no próprio quarto de cada um, por um sistema genial de prateleiras deslizantes, que abrem e fecham, e desaparecem nas paredes da maneira mais mágica. É claro que a razão para todos esses artifícios é bastante óbvia. Em uma sociedade em que o trabalho degradante é proibido por lei, a maquinaria deve ser usada como seu substituto. É tudo bom o suficiente, eu presumo, do ponto de vista do trabalhador.³⁵ Mas para um viajante, engajado em uma viagem de prazer, a maquinaria como substituta de um senhorio tagarela e uma porção de criados, por piores que sejam, se revela uma companhia ruim e um tanto monótona. Eu me divirto, entretanto, testando perpetuamente todos os sinos e aparatos elétricos, pedindo por umas cem coisas que eu não quero, para ver se elas virão pelo teto ou pelo chão.

A maior parte do meu tempo, entretanto, é gasto nas ruas. Minhas impressões anteriores da cidade, eu descobri, permanecem inalteradas. É tão plana quanto a sua mão e tão monótona como um conto narrado duas

vezes. Nunca houve tanta monotonia e tanto embotamento.³⁶ Cada casa é precisamente igual à vizinha.³⁷ Cada casa tem o mesmo tanto de quartos, o mesmo tanto de janelas, os mesmos pés quadrados de jardim, os quais ninguém cultiva, já que flores e grama exigem uma certa quantidade de trabalho manual, o que, parece, se pensa ser degradante por esses socialistas. Imagine, portanto, milhas e mais milhas de uma cidade composta de pequenas casas de dois andares tão similares umas às outras como duas nozes marrons. Existem parques e teatros e museus e bibliotecas, um Clube Popular, e inumeráveis edifícios públicos; mas esses são todos arquitetonicamente insípidos, já que a utilidade foi o único aspecto considerado em sua construção. Todas as coisas aqui, desde a disposição da cidade até os últimos detalhes relativos aos assuntos do comércio, são arranjadas de acordo com os princípios socialistas – pelo povo, para o povo.³⁸ A cidade mesma foi reconstruída uns cem anos atrás, a fim de que as casas e os edifícios públicos pudessem estar em maior harmonia com a nova ordem e os princípios do socialismo. O que a antiga cidade de Nova Iorque pudesse ter sido é difícil determinar, embora se supõe ter sido bastante feia. Mas essa cidade moderna é o ápice da melancolia. É a monotonia, eu acho, que principalmente

me deprime. Não é que as casas não pareçam confortáveis, limpas e ordeiras, porque elas possuem todas essas virtudes. Mas imagine ver milhas e mais milhas de casinhas de dois andares! A total falta de contraste que é o resultado da planície sobre a qual essa cidade socialista foi construída, vem, é claro, do princípio que decretou que nenhum homem pode ter uma casa melhor ou mais bem decorada, ou roupas melhores do que o seu vizinho. A abolição da pobreza e a elevação de todas as classes para um nível comum de conforto e segurança resultaram na uniformidade mais amortecedora. Tome, por exemplo, a aparência das janelas das lojas. Todas são administradas pelo governo com fundos governamentais. Não existe, conseqüentemente, nem rivalidade nem competição.³⁹ Os comerciantes, que são na verdade apenas balconistas e vendedores sob jurisdição governamental, naturalmente não tomam nenhum interesse pessoal ou vigoroso nem no tanto de itens vendidos, nem na maneira como esses itens são dispostos diante do público. As vitrines, portanto, são tão pouco convidativos quanto os itens exibidos. Apenas objetos úteis e necessários podem ser vistos. Os olhos procuram em vão através do comprimento e largura da cidade por qualquer coisa realmente bela, pelo encantador ou pelo raro.

Obras de arte e o belo não encontram, parece, nenhum mercado aqui. Ocasionalmente o governo faz uma compra de alguma obra de arte estrangeira, ou a apreende de algum palácio, daqueles recentemente escavados das ruínas, de um comerciante do século XIX.⁴⁰ O quadro ou vaso são então colocados nos museus, onde as pessoas podem supostamente gozar sua posse comum.

Conectar a palavra gozo com o aspecto desses socialistas sérios é quase risível. Uma coleção mais sóbria de pessoas eu nunca vi. Eles são tão solenes quanto a mais velha e sábia das corujas. Eles têm a aparência de pessoas que chegaram ao final das coisas e falharam em achá-las divertidas. Toda a população parece estar eternamente nas ruas, vagando para cima e para baixo, com as mãos nos bolsos, esperando por algo que nunca acontece. O que, de fato, tem para acontecer? Não chegaram eles à consumação de todas as coisas, dos seus sonhos, suas esperanças e seus desejos? Um homem não pode realizar seu sonho e ainda sonhá-lo. A realização, se descobriu agora, é extremamente enfadonha.⁴¹

Como, eu confesso livremente, o embotamento e a apatia desses socialistas idealmente perfeitos pesam em mim.

Minha visão da sua condição pode mudar
quando eu vier a conhecê-los melhor.

É tarde e eu devo encerrar.

Sempre seu,

W.

III

Curiosamente, meu caro companheiro, logo no dia seguinte após ter enviado minha última carta, eu me encontrei envolvido em uma longa e muito interessante conversa com a filha de um dos residentes da cidade. Eu tinha trazido cartas de apresentação para um certo cavalheiro e, após uma busca de algumas horas pelo labirinto eterno dessas ruas intermináveis, encontrei a casa para a qual tinha sido direcionado. O cavalheiro, ou melhor, cidadão, como todos os homens são chamados aqui, não estava em casa. Eu fui, entretanto, recebido por sua filha, uma jovem simples, mas aparentemente agradável e inteligente. As mulheres se vestem tão exatamente iguais aos homens neste país que é difícil às vezes distinguir entre os sexos.⁴² Mulheres, porém, normalmente se revelam por meio de suas vozes.

Essa jovem senhorita tinha uma voz e modos incomumente gentis e logo nós estávamos envolvidos nas complexidades

agradáveis de uma conversa longa e profunda. Eu tinha um grande número de questões para perguntar, e ela parecia estar mais do que disposta em respondê-las.

Minha primeira questão, eu me lembro, foi eminentemente prática. Foi sobre o assunto das chaminés e culinária.⁴³ Eu tinha notado imediatamente ao chegar que, por toda a cidade, nenhuma chaminé podia ser vista. Foi esse fato mais do que qualquer outro que deu à cidade sua aparência de planície e fez as casas parecerem curiosamente deformadas. Se seguia naturalmente que, não havendo chaminés, também não havia fumaça, o que fez, por consequência, com que essa atmosfera já suficientemente limpa fosse tão pura quanto o ar no cume de uma montanha. Tudo muito bonito, eu disse para mim mesmo, mas como as pessoas fazem sem cozinhar? Eu, na minha qualidade de estranho e estrangeiro, tinha feito a interessante descoberta que minhas próprias refeições eram preparadas para o meu gosto por cozinheiros do estado especialmente nomeados – uma lei aprovada recentemente para facilitar as relações internacionais. Essas aparentemente tinham se tornado um tanto tensas quando viajantes se descobriram forçados a tolerar as regras e regulações que determinavam a dieta dos socialistas. Mas

qual era essa dieta? Este era o mistério que estava me intrigando desde a minha chegada. Então, quando eu me encontrei face a face com essa jovem senhorita, eu prontamente implorei para que ela resolvesse minha dúvida.

— Ah, - ela respondeu, - a culinária acabou há muito tempo.⁴⁴ Cozinhar qualquer coisa é considerado terrivelmente antiquado.

— Comer também saiu de moda nesse maravilhoso país? - eu perguntei com espanto.

Ela riu e respondeu,

— Comer não, mas nós o fazemos de um jeito mais refinado. Ao invés de cozinhas, nós agora temos condutos, condutos culinários.⁴⁵

— Condutos culinários? - eu perguntei, ainda atordoado de admiração.

— Ah, eu vejo que você não entende, - ela respondeu - você não está aqui há tempo o suficiente para saber como tais coisas são arrançadas. Deixe-me explicar. Os cientistas do Estado agora regulam todos esses assuntos. Uma vez por mês nosso Agente da Higiene vem e examina cada membro da casa. Ele receita então o tipo de comida ele acha que

— você necessita pelas próximas semanas, quer sejam mais ou menos fosfatos, ou cereais, ou receitas carnívoras. Ele deixa um papel com você. Você então toca essa mola aqui – vê? - e ela colocou seu dedo branco e bonito em um botão na parede.

— Você assobia através da abertura para o Comitê Culinário, coloca o papel, e ele é enviado para o escritório central. Você recebe então suprimentos para o próximo mês.

— E onde está este maravilhoso comitê?

— Está em Chicago, onde todos os grandes celeiros estão. Você sabe que Chicago fornece a comida para toda a Comunidade Unida.

— Mas Chicago está umas mil milhas distante. A comida já não está toda velha no momento em que chega até vocês?

Nesse momento ela riu, embora eu pudesse ver que ela se esforçava para não fazê-lo. Mas a minha ignorância era evidentemente engraçada demais. Quando recuperou a compostura ela respondeu:

— A comida é enviada para nós por eletricidade através de condutos culinários.

Tudo é soprado para nós no tempo de poucos minutos, se necessário, caso a comida deva ser ingerida quente. Se a comida for cereais ou carnes condensadas, ela é enviada pelo expresso pneumático, feitas em garrafas ou pílulas. Toda comida assim pode ser carregada dentro do bolso. Nós tomamos nossa comida enquanto bebemos água, onde quer que estejamos, quando for conveniente ou quando nós precisamos. Contudo, - ela acrescentou com um suspiro, - algumas vezes eu desejo ter vivido nos bons velhos tempos,⁴⁶ no século XIX, por exemplo, quando costumes antiquados estavam em voga tais como ter jantares de quatro horas, em que as damas eram levadas pelos cavalheiros e todo mundo usava roupas formais - as roupas do período - e eles costumavam flertar - não era essa a velha palavra? com seu vinho e sobremesa. Como as coisas estão mudadas agora! No entanto, - ela acrescentou rápido, - se cozinhas e culinária e longos jantares não tivessem sido abolidos, a emancipação da mulher nunca teria sido alcançada.⁴⁷ O aperfeiçoamento do movimento feminino foi retardado por centenas de anos, como você sabe, sem dúvida, pelo desejo servil das mulheres de agradar seus maridos se vestindo e cozinhando de acordo com os desejos deles. Quando a última torta foi transformada na

primeira pílula, a verdadeira liberdade da mulher começou. Ela pôde então abandonar sua subordinação tanto ao seu marido como aos seus criados. Mulheres ficaram livres, de fato, apenas quando o Estado proibiu a contratação de criados. É claro, a contratação de criados era tão degradante para a classe oprimida quanto era uma trava para o progresso da liberdade de suas patroas. A única maneira de elevar a raça era colocar todos no mesmo nível, tornando, até mesmo, qualquer tipo de servidão impossível.

— Mas como, me permita perguntar, o resto do serviço doméstico é realizado, se não existem criados para tomarem conta de uma casa tão bela como esta? (A casa, meu caro Hannevig, era na verdade hedionda, tão despida e simples como todas as casas aqui. Todas são mobiliadas de acordo com a lei do Estado, exatamente iguais).

— Ah, tudo é feito por maquinaria, como em seu hotel. Tudo, varrer, arrumar a cama, esfregar as janelas e lavar. Cada departamento separado tem seus utensílios e aparatos. As mulheres de cada casa são ensinadas como usar e administrar as diversas máquinas, você sabe, à custa do Estado, durante a sua juventude; quando elas assumem a administração de uma casa,

elas podem operar tudo sozinhas. A maior parte da maquinaria é elétrica. Uma casa pode ser mantida em perfeita ordem em duas horas diárias de trabalho. O único trabalho duro que ainda temos que fazer é tirar o pó. Nenhuma invenção ainda foi desenvolvida que tira o pó satisfatoriamente sem quebrar ornamentos, o que explica o fato, também, de a moda de ter enfeites e miudezas em casa ter acabado. Foi votado anos atrás, pelo maior voto feminino já apurado, que, já que os homens não conseguiram criar um espanador de pó autoajustável não-destrutivo, suas casas deveriam sofrer. As mulheres não deviam ser degradadas para máquinas manuais para atender aos gostos estéticos dos homens. Então você pode ver que só temos as cadeiras e mesas necessários. Se homens desejam ver imagens, eles podem ir aos museus.

Talvez seja este último fato que explique eu nunca ser capaz de achar o bom cidadão A.⁴⁸ em casa. Ele se foi para o clube público, ou para a casa de banho, ou para o Teatro Comunal, me dizem, quando eu apareço de novo e de novo. Esta maravilhosa comunidade tem feito muito, disso eu estou convencido, no desenvolvimento da liberdade ideal; mas parece existir um mal fatal em algum lugar em seus princípios, um

mal que parece ter destruído todo o deleite na vida doméstica. Na minha próxima carta eu lhe contarei mais e mais longamente sobre o desenvolvimento peculiar que a raça atingiu debaixo destas agora bem-estabelecidas doutrinas de emancipação e sobre seus resultados nos dois sexos.

Eu espero que você não esteja cansado das minhas um tanto longas descrições, mas você mesmo é o culpado, já que me compele a manter promessas tão rígidas de detalhe e precisão.

Até a próxima, caro companheiro, quisera você estar aqui para usar seus olhos mais sábios de filósofo.

Sou seu,

Wolfgang.

IV

Caro amigo,

Nada, eu penso, ataca o olho do estrangeiro, em sua chegada nesta terra extraordinária, tão fortemente quanto a falta de variedade e gosto exibida nas vestimentas tanto do homem como da mulher.⁴⁹ Ambos os sexos se vestem, para começar, como eu disse na minha última carta, precisamente igual. Como é uma das regras sociais não-escritas se vestir tão simples, econômica e sensivelmente quanto possível, isso resulta que não há nem brilho nem cor nem beleza de linha em nenhuma das roupas usadas. Ao passar pelos Escritórios Governamentais de Distribuição de Roupas, nada sugere tão forçosamente a igualdade ideal que existe entre os sexos, como a visão das calças grandes e pequenas, penduradas lado a lado, um tanto descaradamente, com as pernas retas e folgadas sendo a única diferença discernível. Calças folgadas e um manto completo, um tanto longo, para

as mulheres – calças de pernas retas e um casaco mais curto para os homens, estas são as vestimentas de toda a população. Algumas das mulheres ainda são bonitas, a despeito de suas roupas medonhas. Mas todas me dizem que elas não seriam se pudessem fazer algo a respeito, já que defendem que a beleza de seu sexo foi a principal causa de sua contínua escravidão anterior. Elas consideram a beleza agora como um estigma e uma marca da qual se envergonhar. Pelo que fui capaz de observar, porém, eu devo dizer que a beleza com que algumas mulheres foram agraciadas falha em despertar qualquer sentimento antiquado ou galanteria por parte dos homens. Houve, eu aprendi, uma decadência gradual do sentimento erótico,⁵⁰ o que, sem dúvidas, explica a indiferença entre os homens; uma decadência que é resultado das relações peculiares trazidas pela emancipação da mulher.

Agora já são quase duzentos anos desde que as mulheres têm apreciado a mesma liberdade e direitos que os homens.⁵¹ É interessante e curioso notar as mudanças, tanto de características como de natureza dos dois sexos, que foi o resultado desse desenvolvimento. A primeira impressão de alguém, ao chegar aqui, é que as mulheres são as únicas habitantes desse país. Elas podem ser vistas por toda parte – em todos os escritórios pú-

blicos, como líderes de departamentos, como atendentes governamentais, como oficiais, como engenheiras, maquinistas, aeronautas, coletoras de impostos, bombeiras, ocupando, de fato, cada agência e vocação na vida civil, política e social. Em comparação, os poucos homens que eu vi me pareceram ter permissão de existir como os últimos exemplos de uma raça decaída. É claro, essa visão é mais ou menos exagerada. Mas as mulheres aqui realmente parecem possuir de longe mais energia, vigor, vitalidade e ambição. Sua predominância nos cargos, apenas agora, se dá graças ao seu número avassalador, sendo o voto feminino apurado como de dez para um em relação ao dos homens. Essa forte influência de sexo feminino tem sido frutífera em promover grandes mudanças nas leis domésticas, sociais e políticas da comunidade.

Mulheres, por exemplo, tendo satisfatoriamente emancipado a si mesmas das amarras da labuta doméstica e do domínio dos criados, por meio das melhorias na maquinaria e da invenção dos famosos condutos culinários, encontraram ainda um obstáculo em seu caminho para completar e igualar a liberdade dos homens. Ainda restavam as crianças para serem cuidadas e criadas. À medida que a maternidade passou a ser considerada como talvez a principal causa da

degradação das mulheres, ela foi finalmente abolida por ato legislativo.⁵² As mulheres ainda continuavam a dar à luz crianças, de outra forma a própria sociedade socialista deixaria de existir. Uma lei foi aprovada estabelecendo que as crianças, quase imediatamente após o nascimento, deveriam ser criadas, educadas e treinadas sob direção estatal para serem devolvidas aos seus pais apenas quando completamente crescidas, já preparadas para seus deveres como cidadãos homens e mulheres. Dessa maneira, mulheres ficam finalmente em um plano físico tão absolutamente igual aos homens quanto é possível.

Se seguiu, é claro, que com a jurisdição do Estado sobre as crianças da comunidade, toda a vida familiar morreu. Homens e mulheres vivem juntos como marido e esposa, mas a relação entre eles se tornou mais nominal do que real. É significativo das mudanças que ocorreram entre os sexos, que a palavra “lar”⁵³ foi completamente abandonada da linguagem. A casa de um homem verdadeiramente deixou de ser seu lar. Não há crianças lá para saudá-lo, sua esposa, que é seu camarada, um homem, um cidadão como ele mesmo, raramente está em casa, assim como ele. Sua comida pode ser consumida em qualquer lugar – não há mesa comum; não há nem um criado para receber

o mestre com um sorriso. A palavra esposa⁵⁴ também perdeu todo o seu significado original. Não significa nada. Marido e esposa são na realidade dois homens tendo direitos iguais, com os mesmos tipos de ocupação, os mesmos deveres como cidadãos para cumprir, os mesmos assombros e o mesmo tempo livre aborrecido.

É, portanto, meu caro Hannevig, de se admirar que todas as ideias de amor e que toda forte atração e afeição mútua tenham morrido entre os sexos?⁵⁵ O homem ama, anseia apaixonadamente e protege com terna solicitude apenas o que é difícil de conquistar. A imaginação deve ao menos ser inflamada. Mas onde não há nenhuma luta, nenhuma oposição, nenhuma condição que gera anseio, desejo, ou a poesia de um pequeno e saudável desespero, como o amor, ou qualquer sentimento que seja, pode ser despertado e aceso? Aqui não existe nenhuma autoridade parental para criar uma barreira entre amantes, nem existe desigualdade de fortunas, nem qualquer diferença marcante entre os dois sexos, mesmo em seus deveres diários ou em suas vidas. Estou cada vez mais convencido, ao analisar essa questão do crescimento de uma indiferença anormal entre os sexos, que a última causa é talvez aquela que mais contribuiu para a realização

de uma mudança tão completa das paixões. A mulher se posicionou ao lado do homem, como sua igual em labor e vocação, apenas para fazer a distância real entre eles maior. Ela ganhou sua independência às custas da sua forte atração para o homem, seu poder como amante, esposa e mãe. Como pode um homem ter qualquer afeição ou sentimento muito vívido ou profundo por essas homens-mulheres, que não são nem mães, nem cuidadoras de casa, que não se diferenciam nem um pouco deles em seus interesses e ocupações? Companheirismo constante e perpétuo, da mais tenra infância até a hombridade e velhice, resultou no embotamento de todo senso de qualquer diferença real entre os sexos. Qualquer mínima desigualdade que talvez ainda exista entre homens e mulheres em questão de energia muscular ou força física é mais do que contrabalançada pela enorme desproporção entre eles, numericamente, como eleitores.

Algumas mudanças políticas muito curiosas e importantes foram efetuadas pela preponderância do voto feminino.

Guerras, por exemplo, foram declaradas ilegais nos últimos cinquenta anos. Mulheres descobriram que, enquanto elas eram eminentemente capazes de todas as ocupa-

ções masculinas em tempo de paz, quanto se tratava de guerra elas se mostraram muito pouco habilidosas como soldados. Guerras, portanto, foram logo rejeitadas por voto; dificuldades com nações estrangeiras foram resolvidas por meio de arbitragem. Como mulheres, por lei, foram enviadas nessas missões diplomáticas no estrangeiro, eu ouvi sussurros perversos de que a principal causa das resoluções geralmente rápidas de qualquer problema com uma corte estrangeira foi por causa da confusão de falatório⁵⁶ que se seguia: uma corte estrangeira se dispendo a conceder qualquer coisa em vez de continuar negociações com mulheres-diplomatas. Mas isso, é claro, deve ser desconsiderado como pura malícia. Mulheres desde tempo imemorial têm superado o homem quando se trata de disputas de língua e estas aparentam ser a única insígnia do seu prestígio anterior que o sexo insiste em reivindicar.

Na minha próxima carta eu tentarei lhe dar alguma concepção da posição ocupada pelo homem, como um cidadão e trabalhador nesta comunidade. Devo, acho, também ser capaz de lhe apresentar alguns dos resultados mais interessantes dos efeitos produzidos pelos princípios comunistas, socialistas, que foram incorporados na constituição dessas pessoas.

É tarde e eu estou cansado, então adeus
por alguns dias.

Sempre e Sempre.

-----.

V

Mais e mais, à medida que eu estudo essas instituições, eu me lembro da semelhança entre esses socialistas americanos e os antigos espartanos. O espartano também era parte do estado – tinha todas as coisas em uma proporção comunal grandiosa – tinha jogos públicos, teatros públicos, banhos, museus e festivais, eram criados pelo estado e suas mulheres consideradas parte dele.⁵⁷

Nesta comunidade moderna, entretanto, existem duas características importantes com que os espartanos mais simplórios não precisavam lidar. Os gregos se situavam no alvorecer da civilização. O americano se encontra no que considera a conclusão dela.⁵⁸ Você pode tentar romper com seu passado quanto quiser, mas será sempre herdeiro dele e essa hereditariedade o dominará a despeito de suas tentativas de se livrar dela. Os gregos também eram um povo guerreiro, e o americano é um amante da paz, preferindo o ca-

chimbo à espada. Talvez, acima de tudo, no ápice de todas essas diferenças está o grande fator da maquinaria como substituto do trabalho manual. A espada ergueu o homem da poeira. O pistão o nivelou com ela. Eu acredito, meu caro Hannevig, que se a maquinaria nunca tivesse sido inventada, nunca se teria sonhado com o socialismo.⁵⁹ A maquinaria foi a verdadeira causa do conflito entre capital e trabalho e não a distribuição desigual de terra, como o grande fundador dessa Sociedade Comunal, Henry George,⁶⁰ afirmou em seu livro, a bíblia deste povo. A maquinaria precisava do capital para executá-la e era mais ou menos indiferente ao trabalho. O trabalhador, com a maquinaria como sua rival, teve uma chance muito menor de se tornar um capitalista do que quando batalhava contra homens; seus deveres mais e mais se assemelhavam em sua monotonia e rotina à mesma máquina que ele era chamado para alimentar, ao invés de agir em sua aptidão natural.

Entretanto, ir nas profundezas dessas questões nodosas envolve espaço demais para uma carta. Permita-me, ao invés, lembrar à sua mente, como eu recentemente fiz à minha, as principais características de importância na história deste povo que o colocou onde se encontram agora.

Você se recorda, é claro, do terrível reino de sangue que aconteceu durante o conflito horrível entre os americanos republicanos e os socialistas e anarquistas em 1900. A guerra começou, nominalmente, como um ato de resistência da parte dos americanos contra as demandas usurpadoras e insistentes dos socialistas, demandas consistindo da abolição da propriedade privada de terra, da divisão de bens, tanto reais quanto pessoais e da derrubada de todas as instituições econômicas e sociais então existentes. Esses socialistas⁶¹ e anarquistas⁶² representavam um elemento estrangeiro no país, aqueles que tinham importado suas doutrinas revolucionárias com eles.⁶³ (Se me lembro corretamente os antigos americanos tinham dado todos os direitos de cidadania para este contingente estrangeiro, em um momento de zelo republicano errôneo, um erro político que viveriam para lamentar amargamente). Bem, a princípio nessa guerra anarquista, os americanos ganharam, não é? Minha memória me engana às vezes – possivelmente eles teriam continuado a ganhar se a guerra tivesse sido conduzida estritamente em táticas militares. Mas os anarquistas, se descobrindo malsucedidos como soldados e guerreiros, recorreram a meios engenhosos de destruir seus inimigos

com o uso de explosivos.⁶⁴ Dinamite conseguiu o que canhões e baionetas eram incapazes de fazer. Cidades, municípios e até mesmo vilas e aldeias, foram inflamadas pela tocha da eletricidade e queimadas até estarem no chão. Dinamite foi reservada para exércitos e criminosos individuais. Durante aquele reino de destruição, parecia que nenhum homem, mulher ou criança sobreviveria para carregar sequer memória da grande tragédia para seus túmulos consigo.

Entretanto, já que o plano dos anarquistas era reconstruir toda a face da sociedade sobre uma nova base, era de se esperar, é claro, que a revolução que eles empreenderam como meio de realizar isso fosse levada adiante a qualquer custo.

Uma característica dessa guerra sempre me pareceu possuir um lado bastante engraçado. Os anarquistas, você se lembra, eram estrangeiros, especialmente alemães, irlandeses⁶⁵ e alguns russos. Quando a guerra acabou, com a destruição de quase todo o contingente republicano, os anarquistas entraram em divergência entre si mesmos. Os elementos alemães não se submeteriam às ordens irlandesas – os líderes, por terem, aparentemente, uma ótima opinião sobre seus próprios talentos para a liderança política

– e os irlandeses por sua vez resistiram violentamente às resoluções alemãs. Uma verdadeira anarquia conduziu a uma guerra tão feroz que pareceu em determinado momento que todo o continente se tornaria uma região selvagem, com nem conquistador nem conquistado para entrar e tomar posse do que era agora, na verdade, nada senão um deserto. Felizmente, entretanto, uns poucos americanos tinham sobrevivido. Entre eles alguns descendentes dos antigos estadistas da Nova Inglaterra. Esses homens, embora sentenciados à morte, foram liberados, para que pudessem agir como pacificadores entre as duas facções. Americanos, você vê, tinham tanta experiência em reconciliação, apaziguando e pacificando as dificuldades entre os partidos irlandeses e alemães durante a era da República Americana, que esses sobreviventes estavam eminentemente equipados para resolver os assuntos problemáticos entre eles agora. O Conselho Americano decidiu que os irlandeses deveriam elaborar as leis e os regulamentos para a nova constituição comunal e socialista, enquanto os alemães deveriam garantir que a nova sociedade estivesse apropriadamente organizada; uma decisão que prova o verdadeiro gênio para o estadismo que esses engenhosos americanos possuíam.

Pois os irlandeses são proverbialmente ricos em ideias, mas incapazes de colocá-las em ação, enquanto os alemães se provaram organizadores práticos e policiais políticos ideais. A sagacidade dos antigos republicanos americanos foi demonstrada na maneira pela qual eles mesmos, na sua era de poder, tinham feito uso das qualidades distintas das duas raças, quando tais hordas transbordaram em sua terra durante o período da grande emigração.⁶⁶ Os irlandeses foram mantidos nas grandes cidades, onde lhes era permitido governar as vilas tão mal quanto quisessem, tendo assim recebido um desafogo para seu espírito político turbulento; enquanto os alemães, ao contrário, foram enviados para a regiões selvagens não conquistadas para transformá-las em um jardim por meio de sua indústria e parcimônia. O americano tendo assim feito uso dos irlandeses para conduzir sua maquinaria política e dos alemães para estender suas linhas territoriais de ordem e civilização, garantiu para si mesmo todo o tempo para fazer dinheiro. Por isso as colossais fortunas americanas, que, quando vemos a respeito agora, nos parecem como um conto de fadas. Tal política deve ter parecido para um americano do século XIX como uma maneira muito astuta e engenhosa de utilizar elementos que de outra maneira poderiam se

provar perigosos. A política foi, na verdade, fatalmente míope, como seria provado depois; já que foi a enorme acumulação de fortunas em tão poucas mãos e a suposta tirania do capital que tornou a inveja e a raiva das classes estrangeiras mais pobres, então sob o domínio dos revolucionários anarquistas, em um frenesi.

Depois que os estadistas americanos tinham feito paz entre os conquistadores, mas briguentos anarquistas, esses últimos decidiram organizar a nova sociedade. Descobriu-se que a anarquia, ainda que os princípios pelos quais ela tinha lutado e conquistado agora prevalecessem, deveria se subordinar a alguma outra forma ou ordem antes que pudesse esperar impor ordem sobre outros.

O grito de guerra dos anarquistas era, como você se lembra: Fora com a propriedade privada! Fora com o estado! Fora com toda maquinaria política! Mas agora os líderes descobriram que a crença no reino da anarquia era uma coisa e a sua prática completamente outra.⁶⁷ Por um tempo, como sabe, houve um período terrível de desordem, durante o qual os excessos mais nojentos foram praticados sob o nome de “Individualismo Perfeito”, “uma propriedade comum, liberdade comum, distribuição

comum para todos.” Após uns poucos anos da mais selvagem indulgência, rapacidade, crime e crueldade – já que, é claro, não havendo nenhum governo, não poderia haver nem restrições impostas nem crimes punidos –, as pessoas começaram a clamar alto por alguma forma de governo que deveria incluir pelo menos ordem e decência. As doutrinas socialistas foram então escolhidas como sendo mais conformes às demandas do povo e às necessidades de organizar um Estado do que as teorias sem forma dos anarquistas.⁶⁸

Os líderes entre o povo, como foi feito tantas vezes antes na história do mundo, começaram de novo a fazer novas leis, para o estabelecimento de um governo ideal e a formação de uma nova constituição que iria garantir a mais perfeita e completa felicidade para o indivíduo e para a raça.

Por mais de cento e cinquenta anos, agora, essa sociedade socialista ideal tem existido e quais são os resultados? Nenhum povo jamais teve uma oportunidade mais maravilhosa de construir uma sociedade numa base ideal como esses socialistas. Pense a respeito! Um continente inteiro à sua disposição, seus inimigos ou oponentes todos mortos ou exilados e eles mesmos unidos em

desejo e interesse político. Bem, se alguns dos princípios inextirpáveis e indestrutíveis da natureza humana⁶⁹ pudessem ser mudados tão facilmente como as leis são feitas e desfeitas, as chances de uma realização ideal da felicidade da humanidade seriam mais facilmente alcançadas. Mas os socialistas cometeram um erro grave deixando de considerar algumas dessas determinantes leis humanas na soma de seus cálculos.

Tempo e papel são, entretanto, finitos, e presumo, também a sua paciência. Eu adiarei as poucas conclusões restantes que um breve estudo deste povo e seu governo conduziu até a minha próxima carta.

Seu fiel

Wolfgang.

VI

Caro amigo: Quanto mais tempo eu passo aqui mais eu fico impressionado com a profunda melancolia que aparenta ter tomado posse desse povo. Os homens, em particular, parecem afundados em um torpor de desânimo e invariável apatia. As mulheres, embora de forma alguma tão vivazes e vigorosas como as nossas, são, porém, bem mais animadas e parecem ter um prazer mais intenso pela vida do que os homens. Provavelmente a emancipação relativamente recente das mulheres, sua nova liberdade política e social, adiciona um sabor para a rotina da vida que os homens não sentem.

Tão universal é o aspecto aborrecido das pessoas, seja no trabalho ou no lazer – e eles se divertem, eu observo, bem mais languidamente do que trabalham –, que o tipo de face mais comum entre eles sofreu uma estranha e interessante transformação. Você se lembra nas antigas publicações a típica face

“yankee”, com seu olhar afiado e penetrante, seu queixo corajoso e determinado, sua frente inteligente e sua expressão extraordinariamente astuta e atentamente alerta. Essa vivacidade e energia, uma vez o principal charme da face americana, desapareceu completamente. Em seu lugar, imagine traços rígidos como madeira, quase lerdos, olhos pesados, aborrecidos, queixos recuados e uma frente em que um embotamento, que quase se aproxima da estupidez, está escrito em letras grandes. Em todas as faces há uma expressão estereotipada, uma mistura de descontentamento e desânimo. Existe a mesma falta de variedade de tipos entre as faces que eu observei, como existe uma carência de contraste nas casas e ruas. A população toda parece ter uma única cara; para onde quer que se vire, vai vê-la repetidamente *ad infinitum*, seja de homem ou de mulher, jovem ou velho.

Eu tenho explicado essa curiosa uniformidade fisiológica para mim mesmo descobrindo nela simplesmente um reflexo da uniformidade vista na vida e na ocupação desse povo. A raça, tendo sido nivelada em um plano comum, tem levado a uma morte gradual da individualidade.⁷⁰ A diminuição inevitável dos objetivos individuais, lutas individuais, ambições individuais, tem naturalmente resultado em produzir um

tipo de caráter sem características, comum a todos. Já que, é claro, o caráter molda as características, essas pessoas, sendo todas mais ou menos similares, vieram, ao longo do tempo, a terem aparências similares. A natureza, afinal de contas, é apenas barro nas mãos do oleiro. O homem, com suas leis e crenças, molda no final sua própria face.

Eu achei, entretanto, muito mais difícil explicar a nuvem de melancolia e desânimo que aparenta ter se abatido sobre esse povo, do que procurar as causas do aspecto fisiológico acima. Eu me perguntei, de novo e de novo, por que deve este povo, dentre todos os povos, ser cheio de desgosto e infelicidade? Eles já não chegaram à realização de todos os seus sonhos? Eles já não atingiram o próprio ápice e toda a glória da posse de todos os seus desejos e aspirações sociais, cívicas e políticas? Não há igualdade de sexos? O lazer ao invés do trabalho não se tornou lei? A propriedade privada não foi abolida – a terra é propriedade do Estado –, o sistema de remuneração se tornou uma coisa do passado e a posse de capital feita crime punível por lei? O Estado não existe também para as pessoas, educando-as, treinando-as para o seu trabalho na vida, distribuindo entre elas quaisquer fundos excedentes que o tesouro público venha a acumular e criando para seu

entretenimento e lazer um vasto sistema de clubes educacionais, teatros educacionais, jogos públicos, museus e shows? Se um povo não está feliz sob estas condições, o que garantirá contentamento?

Venha ainda comigo. Vamos andar através das principais avenidas e assistir à multidão de pessoas vagando indiferentemente para cima e para baixo pelas ruas; vamos vê-las enquanto derivam sem rumo dentro dos teatros, museus, clubes; vamos dar uma olhada nelas enquanto dedilham ociosamente os novos livros e jornais, bocejando sobre eles enquanto leem, e você irá concordar comigo, que a população inteira parece ter apenas um propósito na vida: assassinar o tempo que parece estar lentamente os matando.⁷¹

Após muito pensar sobre as razões dessa estranha apatia, essa inércia e preguiça, eu cheguei a duas conclusões que me ajudaram a resolver o problema da infelicidade deste povo. Minha primeira conclusão é que as pessoas estão morrendo de vontade de trabalhar; de trabalho duro, francamente; minha segunda conclusão é que, ao tentar estabelecer uma lei de igualdade, os fundadores desta comunidade ideal cometeram o erro fatal de desconsiderar aquelas indestrui-

tíveis, inextirpáveis tendências e aspirações humanas que foram até aqui a fonte de todo progresso humano, aos quais aludi em minha última carta.

Primeiro, vamos lidar com o assunto do trabalho.⁷² Como todo o trabalho, tanto de homens como de mulheres, e como toda maquinaria foi desenvolvida aqui a um grau maravilhoso de perfeição, o trabalho manual realmente necessário para conservar o povo é, de verdade, muito leve. A princípio, uns cem anos atrás mais ou menos, nos primeiros dias da comunidade, o tempo de trabalho foi fixado em cinco horas por dia. Mas toda década, com o crescimento da população, o tempo de trabalho tem diminuído. Recentemente uma lei foi efetivada, proibindo qualquer um de trabalhar mais do que duas horas por dia. Essa última lei se descobriu ser uma necessidade, de um ponto de vista econômico, como uma provisão contra o excesso de produção. Um homem, portanto, tem todo o resto do dia em suas mãos, para passá-lo o melhor que puder.

A esperança e crença original dos fundadores do socialismo era que se as pessoas pudessem receber lazer o suficiente, toda a raça seria erguida a um lugar extraordinário de perfeição; que, se recebesse tempo

suficiente, cada homem e mulher iria se dedicar ao desenvolvimento e melhora de suas capacidades e gostos mentais. A princípio, eu acredito, esse era o caso. Por pelo menos trinta anos existia um interesse extraordinário por aprendizado e autoaperfeiçoamento. Mas com o tempo, uma reação veio. Os fundadores haviam esquecido de levar em consideração a massa de preguiçosos, ociosos, e imprestáveis que são sempre um bloco imóvel no caminho do progresso do reformador. Dois partidos logo se desenvolveram; o do esclarecimento e o conservador. O aprendizado sendo o único canal para o exercício da capacidade ou ambição individual, o antigo pernicioso sistema de competição logo se desenvolveu por si mesmo. Uma classe superior, composta de estudiosos, estudantes, artistas e autores, surgiu, cujas opiniões e ideias políticas ameaçavam a própria vida e liberdades da comunidade. A aristocracia do intelecto, se descobriu, era tão perigosa ao Estado quanto uma aristocracia fundada sobre o orgulho da ancestralidade ou a posse de hectares ancestrais. Tornou-se necessário, portanto, criar leis contra o aprendizado e as ciências. Todos os estudiosos, autores, artistas e cientistas, que se descobriu através de exames serem mais talentosos que a média, foram exilados.

Uma lei estrita foi aprovada e tem sido desde então aplicada, proibindo desenvolvimentos mentais ou artísticos sendo realizados além de um certo padrão fixo, um padrão alcançável por qualquer um. Muito naturalmente o aprendizado e as artes morreram gradualmente entre este povo. Onde não há recompensas de fama ou avanço pessoal, o impulso para a conquista mental ou artística se descobre em falta. As artes em particular definharam. Arte, é bem sabido, pode apenas viver pela força da imaginação – e a imaginação é alimentada pelo contraste da vida e pelos graus de pitoresco. Um dos velhos sábios americanos, acho que era Emerson,⁷³ disse bem do artista, “se o rico não fosse rico, quão pobre o poeta seria!” Muito naturalmente, em uma civilização como essa, não existem condições para a criação ou manutenção de habilidade artística.

Você não consegue imaginar, meu caro Hannevig, que debaixo de tal sistema e ordem de vida, o tempo seja um fardo pesado? Depois das duas horas dedicadas ao trabalho, ainda tem quatorze horas acordado para gastar. As pessoas têm, é verdade, os seus clubes e seus teatros, seus jogos nacionais, suas bibliotecas e jardins. Mas o fato de todos esses serem gratuitos e estarem à disposição deles é, eu presumo, razão suficiente para

acharem as diversões assim providenciadas maçantes e desinteressantes. A maioria dos habitantes desta cidade passam seus dias no ginásio. Nos exercícios e jogos praticados lá, alguém pode ver a única evidência ou mostra de excitação e interesse a que se entregam. Tanto homens como mulheres são musculosos como atletas, graças aos seus exercícios contínuos e banhos perpétuos. O partido atlético está agora tentando aprovar leis que permitam corridas e competições no antigo esquema grego. Mas os conservadores dificilmente irão aprovar, já que insistem que os antigos jogos Olímpicos, ao desenvolver os poderes físicos, eram na realidade apenas uma escola de treinamento para o exército grego, e que problemas e discórdia destruidores certamente sucederiam tais jogos, como eles fizeram nos estados gregos.

Você tem, eu acredito, me perguntado se as pessoas aqui não são autorizadas a encontrar um lugar para suas energias supérfluas na política. Mas política, como uma profissão, como uma função separada e independente de atividade, deixou de existir. O Estado ou governo são administrados no grande princípio universal da reciprocidade que rege toda a comunidade. Existe para o povo, é administrado pelo povo, e age para o povo. Toda a receita excedente, derivada do

mínimo de tributação equalizada, é entregue ao fundo público, sendo aplicada para o uso público. A maquinaria de governo é administrada no mesmo princípio de trabalho leve que governa os esforços individuais. Cada cidadão, homens e mulheres, é claro, tem seu mandato como um oficial governamental, como na antiga Prússia⁷⁴ homens serviam no exército. Como ninguém nunca é reeleito, independentemente de sua capacidade ou habilidade, e cada cidadão serve apenas uma vez durante sua vida, não há coisas como contendas políticas ou propina ou corrupção. Nem existe qualquer vida política.⁷⁵ O governo é uma execução tão automática quanto os teares de seda de uma fábrica.

Houve certas mudanças que têm recentemente ocorrido nos assuntos políticos e relações internacionais do povo que conduziram a um labirinto de especulação. Tem existido, por exemplo, uma decadência notável e lamentável do comércio internacional e uma lentidão geral do mercado que alarma enormemente a comunidade. Todas as trocas e o comércio são conduzidos de acordo com os princípios socialistas, que proíbem a empreendimento do capital privado, se tal existisse aqui, ou da iniciativa privada. É o Estado que direciona todos os empreendimentos.⁷⁶ Mas o Estado, por alguma razão ou outra, não

aparenta ser um sucesso como um mercador ou como um financista comercial. Por um lado, o Estado é tremendamente absorto em seus próprios assuntos. Já que ele cuida de seu povo, educando-os, treinando e desenvolvendo; já que toma conta dos confortos materiais e necessidades da sua vasta população, seus próprios deveres internos realmente absorvem todas as suas energias. Então, em um governo como este, fundado sobre um princípio de igualdade, que é o inimigo jurado da ambição, deve existir necessariamente uma falta de iniciativa, uma fraqueza em ação energética, e uma falta de determinação na perseguição de qualquer política que seja. São apenas os governos estáveis e ambiciosos que podem comandar e manter uma política definitiva de ação nacional. Até a república americana achou difícil, com suas mudanças recorrentes em departamentos oficiais, efetuar grandes projetos internacionais. O povo, aqui acabou se contentando em realizar apenas o mínimo necessário de atividade executiva, política ou comercial para manter sua própria existência. Homens, seja como indivíduos ou como corpo coletivo, são de fato apenas ativamente energéticos, ambiciosos ou audaciosos na proporção em que encontram oposição. É a luta, e não a sua ausência, que faz tanto homens como uma nação excelentes.

Eu tenho, portanto, cessado de me perguntar onde estão as antigas energias magníficas que um dia caracterizaram este povo. Procura-se em vão pela anterior belicosidade de inteligência, pela audácia dos tempos antigos de inventividade, pelo espírito combativo de disputas comerciais, pela acumulação poderosa de capital, que conhecemos como as características dos americanos duzentos anos atrás. Tudo isso foi embora junto com o antigo sistema competitivo.

Com a abolição da competição morreram, naturalmente, todos os prêmios e recompensas na vida que vêm da luta individual. Como a acumulação de propriedade particular, em terra ou dinheiro, e a possibilidade de avanço pessoal são proibidos por lei, sob esta forma de governo, todos os incentivos para a atividade pessoal desapareceram. A lei da igualdade, com seus decretos lógicos para a supressão da superioridade, trouxe o outro extremo, esterilidade. O alijamento da atividade pessoal finalmente produziu seu resultado, tendo fatalmente minado as energias do povo.

É uma característica curiosa e interessante no estudo sobre este povo, descobrir que não foi o estabelecimento da

lei da igualdade a causa de sua decadência, mas a aplicação da lei oposta – a lei que logo se descobriu necessário estabelecer contra a desigualdade. Segue-se natural e logicamente que se os homens devem ser feitos iguais, tal igualdade só pode ser mantida pela supressão dos graus de desigualdade.⁷⁷ Mentalmente, por exemplo, o padrão deve ser baixo o suficiente para que todos o atinjam; cada homem, portanto, a seu tempo, não importa sua condição física, capacidade ou talento, foi forçado a subordinar suas qualidades particulares à possibilidade geral de atingi-las. Esse nível de mediocridade comum foi mais ou menos difícil de impor e desenvolver. Seus próprios historiadores registram muitos relatos interessante da lenta morte da desigualdade. Em um, que eu li somente ontem, está dito que “tão instintivo através dos longos séculos de opressão e abuso do poder foi o impulso de aspirar a superioridade de realização, de se distinguir em desenvolvimento mental, ou de exibir maior poder criativo, que, por anos, as penitenciárias do estado estiveram lotadas de homens cujo crime era seu desejo indomável de egoistamente ultrapassar seus irmãos menos afortunados. Foi apenas dentro do nosso iluminado século XXI que essa falha grave foi remediada. Agora, felizmente,

ninguém sonha em garantir sua própria felicidade pessoal à custa dos outros.”

E assim, meu caro Hannevig, o antigo drama da história é encenado de novo. Anos atrás os homens eram infelizes porque muitos tinham que lutar contra os poucos favorecidos. Aqui, onde todos são iguais, os homens são miseráveis por essa razão; porque todos tendo reivindicação igual à felicidade, descobrem a vida igualmente aborrecida e sem propósito. O gemido perpétuo aqui é, ah! por uma chance de ser algo, de fazer algo, de realizar algo!

Eu devo ser capaz de lhe enviar apenas mais uma outra carta, já que retorno em alguns dias – de balão desta vez, eu acho, ao invés de por túnel.

VII

Dia de Natal.

Meu bom Hannevig,

Eu tenho apenas tempo o suficiente para lhe enviar mais um incidente e uma cena. Sendo, como você deve ter observado no topo da carta, dia de Natal, eu estava curioso para ver como esse festival seria observado aqui. Um tanto para minha surpresa eu notei que a população seguiu com suas ocupações como de costume. Então eu refleti, em um país, onde todo dia depois das onze da manhã um verdadeiro feriado se estabelece, não havendo nada para ninguém fazer exceto se divertir, seria difícil celebrar adequadamente qualquer dia festivo especial. De fato, não existe nenhum. As pessoas votaram para que eles fossem banidos do calendário, dizendo que eles tinham tudo que podiam fazer para matar as horas ordinárias de prazer a cada semana sem precisar inventar novos jogos ou ocupações para uma dúzia de dias de festa

diferentes. Então todos os feriados foram revogados por lei exceto o Natal. Esse dia foi mantido por duas razões: porque pensasse ser um excelente momento para exibir as crianças criadas pelo Estado para o povo e também porque no dia de Natal é permitido a cada criança passar o dia em casa.

As atividades do dia começam no grande Templo Ético.⁷⁸ Ali dez mil crianças são reunidas para ouvir primeiro uma palestra sobre a história do Natal. Houve uma peça em que Papai Noel aparece junto com um sem número de outros personagens lendários, para mostrar aos meninos e meninas em que seres mitológicos absurdos, as crianças do ignorante século XIX acreditavam. Então dez mil brinquedos são distribuídos, bonecas e chicotes e piões e trenós e patins. Mas uma vez que são todos distribuídos indiscriminadamente pelos oficiais do Estado para as crianças, à medida que elas passavam pela a revisão, é claro que todos os meninos receberam as bonecas e as meninas os chicotes e os piões. Uma hora depois, do lado de fora do grande prédio, eu vi grupos de crianças fazendo uma tremenda troca, muito mais interessadas em negociar bonecas danificadas por patins reluzentes do que em se esforçar para estabelecer a identidade de seus próprios pais, que, de fato, tendo apenas

visto poucas vezes ao longo de suas vidas, eles mal conhecem de vista.

Eu estava lentamente caminhando para casa, especulando sobre essas e outras revelações geradas por um conhecimento mais íntimo do funcionamento desta excelente comunidade, quando encontrei um rosto familiar. Era aquele da minha jovem amiga, cuja conversa eu reportei para você anteriormente. Ela se juntou a mim e caminhamos juntos.

— Eu ouvi que você está voltando para a Suécia; isso é verdade? — ela perguntou.

— Sim, eu retorno em alguns dias.

— Mas você gostou da viagem? E de nós?

— Imensamente. Vocês são um país maravilhoso.

— Isso, se eu me lembro, é apenas o que estrangeiros costumavam dizer para os americanos duzentos anos atrás. — Eu gosto dessa jovem garota em particular. Ela é mais inteligente do que a maioria das mulheres que se conhece aqui. Ela tem permissão para sê-lo, ela me disse, porque ela era muito menos atraente do que as outras, o que é verdade. Mas, nesta terra de igualdade mórbida, se

é grato por um pouco de inteligência, mesmo que servida com falta de graça.

— Tem uma coisa com que não consigo me acostumar, — eu disse, não desejando ser chamado a opinar para além das minhas impressões, — e é que não há torres e campanários de igreja. A falta delas dá enorme uniformidade de aparência para todas as suas cidades.

— Igrejas? Ah, elas acabaram um longo tempo atrás, você sabe. Religião, se descobriu, gerava discussão. Foi votado imoral.⁷⁹

— Sim, eu sei. Eu apenas pensei que algumas torres ou igrejas poderiam possivelmente ter sido preservadas em um tipo de conservação sentimental, como castelos e ruínas são mantidos na Inglaterra, para adicionar o que um antigo escritor chama “o necessário elemento de decadência na paisagem.”

— Isso foi Ruskin,⁸⁰ não foi? Que escritor antigo mais pitoresco! Seus livros se leem como se tivessem sido escritos em uma língua morta. Já as igrejas, elas foram todas destruídas, você sabe, na guerra entre os radicais e os ortodoxos, e nenhuma pedra foi deixada de pé. Desde então o Estado tem

erigido esses enormes Templos Éticos, onde todas as religiões são explicadas e onde todas as filosofias éticas são ensinadas às pessoas. O melhor de todos esses templos é o Templo dos Libertadores. Você já o viu? – ela perguntou.

— Não o vi, mas gostaria de fazê-lo. Você será minha guia?

Ela me levou até lá.

Logo chegamos a uma estrutura que, sendo menor e de razoavelmente boas e simétricas proporções, era um pouco menos hedionda que os outros templos que eu tinha visto. Dentro, no centro da construção estava uma estátua colossal – um retrato se diz – do fundador, Henry George.⁸¹ Ao redor nos lados das paredes, estavam nichos onde bustos dos mártires ficavam erigidos – os niilistas,⁸² os primeiros anarquistas e socialistas, que sofreram perseguição e, com frequência, morte nos primeiros dias do socialismo. Eu notei um livro colocado perto da estátua de Henry George. Era a bíblia socialista *Pobreza e Progresso*,⁸³ que com um número de outros livros formam a principal literatura do povo. Uma vez por ano, minha jovem amiga me disse, há uma leitura deste livro sagrado para as pessoas.

Quando nos viramos para prosseguir

nosso caminho para casa ela de novo começou a me interrogar.

— Mas você ainda não me falou o que pensa de nós, como um país e como um povo, - ela insistiu.

— Bem, já que você deseja, eu lhe contarei. Vocês são um grande e surpreendente povo. Eu digo grande no sentido de números, entretanto, porque grandes, política e moralmente, vocês nunca mais poderão ser. Vocês parecem já ter atingido uma certa ordem de perfeição que, entretanto, é apenas relativa. Vocês pensam que já resolveram todos os grandes problemas; mas vocês apenas começaram a resolvê-los. Ao tentar fazer todas as pessoas felizes, garantindo a igualdade de bens e divisão igual da propriedade, vocês acharam necessário neutralizar a ambição e matar a aspiração. Portanto uma disposição sadia, vigorosa, deixou de existir. Ao fazer o lazer uma lei vocês roubaram dele toda a sua doçura. O tédio é a maldição desta terra. As artes minguaram, porque as artes dependem da imaginação, e a imaginação foi declarada ilegal, já que nem todos nascem com ela. Suas bibliotecas e museus são abertos, mas quem os vê cheios de leitores e estudantes? Em outras palavras, o homem tendo nascido herdeiro de todas as coisas, deixou de valori-

zá-las. E assim eu os deixo, bem contente em voltar para a minha Suécia barbárica,⁸⁴ onde as formas do governo político são tão ruins que os homens lutam como deuses para remediá-las, e onde os próprios homens ainda nascem tão desiguais que eles devem lutar como demônios para viver de qualquer forma. Nós ainda somos caóticos, e desorganizados, e irredimíveis, e não regenerados. Mas nós somos tremendamente vivos. E assim eu retorno com ansiosa alegria para tomar parte na contenda, em ser um homem, em outras palavras, e não parte de uma máquina colossal. Por que você não vem comigo? Vai ser uma ótima experiência, você voltaria ao menos duzentos anos.

Ela suspirou e murmurou:

— Não nos é permitido viajar. É proibido. Gera insatisfação. Mas eu queria que nós pudéssemos. Soa tão lindo e estranho.

E assim eu a deixei, como eu preciso lhe deixar, já que a minha carta é um volume. Em alguns dias eu devo estar lhe contando tudo o que eu não posso escrever. Adieu,

Seu,

Wolfgang.

Notas

Notas de fim

¹ The Critic, 2/7/1887, p,11

² NEWTON, 1887, p, 311

³ STEEL, 1932

⁴ Morris; Kross, 2009

⁵ cf. Ferreira, 2017; Seed, 2018; Hayes, 2022; Edwards, 2022

⁶ 2005.

⁷ 2000.

⁸ STONE, 1898).

⁹ ABBE; ROWSON, 1941.

¹⁰ 2000.

¹¹ CENTURY, 1909.

¹² WHITING, 1918.

¹³ No original: “There is nothing like a democracy for inuring the upper classes into doing their own work. I prefer a monarchy myself, where there is somebody left in the class below you who is willing, for a consideration, to wait on you.”

¹⁴ STEELL, 1932

¹⁵ Christiania era o nome de Oslo, capital da Noruega, entre 1624 e 1925, período que inclui a publicação original deste livro.

¹⁶ Tubos pneumáticos são sistemas de transporte que utilizam tubos herméticos para enviar pequenos objetos de um local para outro através do uso de ar comprimido ou vácuo. A ideia original desses sistemas remonta a 1667 quando o engenheiro Dennis Papin apresentou um artigo sobre a “Bomba Pneumática Dupla” à Royal Society de Londres. Porém, foi somente no final do século XIX que os tubos pneumáticos foram implementados de forma prática, com sistemas instalados em Londres, Paris e na Alemanha. De fato, no ano da publicação deste livro, em 1887, ocorreu a primeira instalação operacional de um sistema de tubos pneumáticos nos Estados Unidos, em Lynn, Massachusetts (COHEN, 1999). Trata-se, portanto, de uma novidade que instiga as imaginações no período, levando Dodd a estender sua utilidade para transportar pessoas e, posteriormente na narrativa, comida.

¹⁷ A primeira forma prática de ar condicionado foi desenvolvida pelo engenheiro americano Willis Carrier em 1902, entretanto tecnologias de controle da temperatura do ambiente

vinham sendo desenvolvidas ao longo do século XIX, com expansão e melhoria de sistemas de calefação e novas tecnologias de resfriamento e refrigeração (NAGENGAST, 1999). Os desenvolvimentos tecnológicos de sua época informam à autora o que esperar do futuro. Para Ackerman (2010), o clima interno “manufaturado” pelo ar condicionado domou as temperaturas variadas dentro dos Estados Unidos, impondo uma uniformidade climática. A tecnologia de controle da temperatura assume um papel utópico, em uma sociedade mediada pela tecnologia em todos os aspectos, ao possibilitar ao ser humano não ser limitado por ou sofrer com o clima. Ackerman escreve sobre o século XX, mas a crítica ao controle da vida social pela tecnologia é um tema importante de *A República do futuro*, como continuaremos vendo.

18 Cerca de 21° C, 26° C e 38° C.

19 Durante a era vitoriana, os banhos públicos em Nova Iorque e Londres se inspiraram no hammam turco e no banya russo. Esses banhos vitorianos combinavam as tecnologias de aquecimento mais recentes com um design de interior em estilo orientalista para criar um oásis exótico no meio das metrópoles do século XIX. Em Nova Iorque, os banhos russos foram fundados na década de

1850 pelo Dr. Edward Guttman, e incluíam departamentos de vapor e de submersão em água fria e quente. Já as casas de banho em estilo turco eram mais amplas, os frequentadores eram guiados por atendentes por diferentes câmaras, enquanto participavam de um processo ritualizado de tratamentos de pele à base de ervas, massagens, esfoliação e lavagem (MUNT, 2019).

20 No original, “voluptuary”. De acordo com o *Webster’s collegiate dictionary* de 1898 (em tradução minha): “uma pessoa voluptuosa; alguém que se devota ao prazer físico.”

21 Pouco mais de 480 km/h.

22 Por volta de 4800 km.

23 A tecnologia da fotografia teve um desenvolvimento gradual ao longo do século XIX. O marco inicial foi a invenção da primeira câmara fotográfica funcional pelo francês Joseph Nicéphore Niépce em 1826. No entanto, a imagem produzida por essa câmara era apenas um negativo permanente, sem a capacidade de ser reproduzida. A partir da década de 1850, processos fotográficos instantâneos foram desenvolvidos, mas apenas no ano seguinte a publicação de *A República do futuro*, em 1888, a Kodak lançou a primeira câme-

ra fotográfica de uso amador, a Kodak No 1, que popularizou a fotografia, simplificando o processo e tornando-o acessível a um público mais amplo (CLARKE, 1997).

24 No original “finny tribes”, uma expressão em inglês para se referir a peixes e, ocasionalmente, a outros grupos de animais aquáticos.

25 No século XIX surgiram diversas sociedades voltadas para a proteção e o bem-estar dos animais, como a britânica Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals (RSPCA), em 1824, e a americana American Society for the Prevention of Cruelty to Animals (ASPCA), em 1866 (ERDÖS, 2019). Em seu início esse movimento teve raízes em organizações missionárias cristãs (HUGHES, 2011), baseadas em princípios morais de caridade e responsabilidade humana em relação aos animais, o que pode ter inspirado a criação do desanimado clérigo dessa passagem. Tão logo surgiram, essas organizações já seriam satirizadas e criticadas, por exemplo, por outras organizações cristãs e por teólogos, que argumentavam que o foco excessivo nos animais poderia desviar a atenção e os recursos da caridade humana.

26 Os peixes aqui servem de analogia à espécie humana, que, de acordo com um dos princi-

pais argumentos antiutópicos, é má por natureza e por isso nenhuma utopia ou revolução social é viável.

27 Metempsicose era um termo comum para discutir evolução e reencarnação no século XIX, normalmente se referindo à teoria da transmigração das almas que inclui, na maioria das definições, o progresso de uma forma inferior, animal, para uma forma superior, humana (SHARP, 2004; 2006). Vários fatores contribuíram para a popularização dessas ideias: os movimentos espiritualistas modernos, o fascínio dos movimentos românticos pela morte, os estudos orientais e as tentativas de conciliar religião, metafísica e descobertas científicas. Dodd satiriza criticamente esse sincretismo de ideias religiosas.

28 Balões de ar quente foram desenvolvidos no final do século XVIII, com pioneiros como os irmãos Montgolfier realizando os primeiros voos tripulados (GILLISPIE, 2014). No final do XIX, os balões já eram utilizados para fins recreativos, como passeios turísticos e exposições públicas. Devido às limitações de controle e direção, eles não eram um meio de transporte comum, mas, como aviões e helicópteros ainda não haviam sido inventados, esta tecnologia parecia ser a aposta mais certa de transporte em uma cidade do futuro.

29 Carros elétricos começaram a surgir no final do século XIX como uma alternativa aos veículos movidos a vapor, a combustão interna ou por tração animal. Nessa época, os carros elétricos eram populares especialmente em áreas urbanas, onde a locomoção por curtas distâncias era mais comum. O primeiro veículo a ultrapassar 100 km/h foi um carro elétrico conduzido por Camille Jenatzy em 1899 (GUARNIERI, 2012). Porém, a capacidade das baterias e a falta de infraestrutura de recarga limitavam sua autonomia e velocidade, o que acabou levando à predominância dos veículos a gasolina no início do século XX.

30 Cerca de 305 metros.

31 O narrador se refere ao Rio Hudson e ao Rio East que cercam a Ilha de Manhattan, onde, na época da publicação do livro, estava a maior parte do território da cidade de Nova Iorque. Apenas em 1898 ocorreu a consolidação do seu território atual com suas cinco divisões administrativas, designadas como boroughs.

32 A primeira crítica direta ao socialismo no livro é à arquitetura e urbanismo, considerados monótonos, uniformes e carentes de originalidade, como se verá em detalhes mais

adiante. Planejamento urbano é um importante aspecto do utopismo, ou pensamento utópico, presente não apenas em utopias literárias, mas também em comunidades intencionais, que proliferaram no século XIX, e em projetos políticos e teóricos diversos.

33 No original, “bath-chamber”.

34 Diversos apetrechos e aparatos domésticos surgem ao longo do século XIX – como o telefone, a máquina de lavar roupa, o ferro de passar, a geladeira – dando a impressão de uma era de progresso tecnológico que instigava as imaginações. Dodd apresenta uma visão negativa da tecnologia neste livro, como pervasiva na vida cotidiana e social, prejudicando o contato humano e a individualidade. Este será um tema dominante nas distopias e na ficção científica do século XX, presente em *The Machine Stops* (1909), de E.M. Forster, *Nós* (1921), de Ievguêni Zamiátin, e *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley, por exemplo.

35 Parte da rejeição à tecnologia se dá em oposição à crítica à industrialização como alienante e desumanizante, vinda de movimentos trabalhistas, comunistas, anarquistas ou socialistas. Para citar um exemplo literário, em *A Máquina do tempo* (1895), do

notável socialista H.G. Wells, é a divisão do trabalho mediada pela indústria que leva à degeneração da espécie humana, centenas de milhares de anos no futuro, com os morlock, descendentes dos proletários, sendo forçados a se restringir ao subterrâneo, onde ficam as fábricas. Claramente, esse não é o ponto de vista defendido neste livro: o narrador supõe que a automatização do trabalho seja boa para o trabalhador, mas lamenta o fim da ordem social tradicional. O caráter classista de Dodd fica claro em outros escritos da autora, por exemplo, no seguinte trecho de *Cathedral Days* (1887): “Não há nada como uma democracia para fazer com que as classes superiores realizem seu próprio trabalho. Eu mesma prefiro uma monarquia, onde há alguém na classe abaixo de você que está disposta, por uma consideração, a servi-lo” (There is nothing like a democracy for inuring the upper classes into doing their own work. I prefer a monarchy myself, where there is somebody left in the class below you who is willing, for a consideration, to wait on you). Da mesma forma como ela desejava criados no sul da Inglaterra, também o deseja Wolfgang na Nova Iorque do futuro.

36 “Dullness” no original. De acordo com o *Webster’s collegiate dictionary* de 1898,

“Dullness” é o estado do que é “dull”, definido como (em tradução minha): “1. Lento de entendimento. 2. Lento em ação. 3. Insensível; sem sentimentos. 4. Não afiado em borda ou ponta; cego. 5. Não brilhante ou claro aos olhos; carente de vivacidade de cor ou brilho. 6. Pesado; grosseiro; sem espírito; inerte. 7. Proporcionando pouco prazer, espírito ou variedade; desinteressante. Sinônimos: Sem vida; inanimado; morto; estúpido; tolo; pesado; lento; sonolento; tedioso; sombrio; desanimador; nebuloso; manchado; obtuso.”

37 A arquitetura e urbanismo igualitários é uma ideia recorrente em utopias literárias, presente desde a obra fundadora de Thomas Morus: em *Utopia* (1516), cada casa é exatamente igual às outras, descrita como tendo o mesmo número de portas e um jardim do mesmo tamanho, mantendo tal nível de igualdade que a cada dez anos a população troca de casa por sorteio, sem prejuízo.

38 A frase “(...) by the people for the people” é parte do famoso discurso de Abraham Lincoln em Gettysburg, proferido no dia 19 de novembro de 1863, durante a Guerra Civil Americana. A associação com os socialistas por Dodd não significa que ela fosse secessionista ou contrária à democracia – a despeito da fala monarquista em *Cathedral Days* –,

mas o lema passa a ser frequentemente usado na política americana, invocado por grupos republicanos, democráticos e trabalhistas.

39 Este é um dos argumentos antiutópicos mais recorrentes e pode ter sua origem traçada na crítica de Aristóteles à *República* de Platão em sua obra *Política*: sendo todos iguais, não existe motivação ou vigor. Esse argumento é mencionado nas duas utopias clássicas do Renascimento. Em *Utopia*, no livro I, Thomas Morus argumenta contra a defesa feita por Rafael Hitlodeu da abolição da propriedade privada, afirmando que tal iniciativa conduziria à falta de motivação para trabalhar e de respeito às autoridades. Em *A Cidade do Sol* (1602), de Tommaso Campanella, o hospitalário, interlocutor do narrador genovês, ao saber que tudo é comum entre os solares diz: “Então dessa forma ninguém quererá se esforçar (...) como Aristóteles disse contra Platão”. A maquinaria aqui resolve a falta de mão de obra, mas a falta de motivação permanece e conduz a todos os problemas da república do futuro.

40 O pai e o marido de Anna Bowman Dodd ambos eram comerciantes ricos e a autora, nos anos imediatamente anteriores à publicação deste livro, escrevia principalmente críticas de arte para publicações americanas e inglesas.

41 Aqui pode estar uma das maneiras de distinguir uma antiutopia de uma distopia: a sociedade do futuro de Dodd é perfeitamente funcional, ela atingiu todos os seus objetivos e chegou de fato a um “fim da história” estável, mas o resultado não é bom porque o próprio conceito de igualdade é rejeitado. Uma antiutopia pode ser uma sátira a um projeto utópico específico ou um temperamento social oposto a qualquer tentativa de utopia: é o mundo desigual, cheio de transformações, lutas e dificuldades que se defende.

42 Novamente, trata-se de uma convenção do gênero utópico desde as suas origens. Campanella especifica em *A Cidade do Sol* que homens e mulheres se vestem de maneira idêntica

43 O protagonista da utopia *Looking Backward* (1888), de Edward Bellamy, provavelmente escrita concomitantemente ao livro de Dodd, também aponta para a completa ausência de chaminés e fumaça no futuro – neste caso, Boston no ano 2000 – como a primeira coisa que o impressionou. No século XIX, a fumaça negra de carvão era um problema considerável nas grandes cidades industrializadas, mencionado por exemplo por Engels em *A Situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845). O narrador aqui admite

a excelente qualidade do ar no futuro, assim como Bellamy, mas aponta também para o caráter deformado da arquitetura sem as chaminés.

44 A comida não é uma preocupação em particular para as utopias clássicas, exceto garantir que todos recebem tudo o que precisam. Depois de Malthus, entretanto, especulações sobre o futuro passam a se preocupar com esse aspecto: Alguns futuristas preveem uma riqueza e conveniência sem precedentes – um mundo de tecnologias “inteligentes” fornecendo uma cornucópia de alimentos nutritivos, saborosos e interessantes. Outros se preocupam com escassez global, fome e degradação ecológica (BELASCO, 2006). Carnes artificiais e comida sintética tornam-se um elemento das sociedades distópicas em muitos dos textos fundamentais do gênero, como *Nós, Admirável Mundo Novo* e *1984* (1948), de George Orwell. Por exemplo, em *Space Merchants* (1952), de Frederik Pohl e C. M. Kornbluth, o protagonista trabalha retirando de uma massa enorme, pulsante e cinza, pedaços de carne que depois se regeneram e são comidas. O problema da alimentação assume o papel central no livro *Make Room! Make Room!* (1966), de Harry Harrison, que deu origem ao filme *Soylent Green* (1973),

em que o problema da escassez leva ao canibalismo (BULLEID, 2021).

45 O sistema é bem similar aos tubos pneumáticos mencionados anteriormente, desde enviar a receita – uma tecnologia já existente em 1887 – até receber a comida e as pílulas.

46 Este é outro argumento antiutópico e conservador fundamental, cujo exemplo máximo pode ser encontrado no clássico de Edmund Burke, *Reflexões sobre a revolução na França*. O princípio de rejeição da utopia aqui é a valorização da tradição, dos costumes e das instituições consolidadas, mesmo que possuam defeitos, porque qualquer alternativa pode ser pior.

47 Três elementos interconectam-se na antiutopia de Dodd: socialismo, feminismo e automação. Movimentos reformistas e sufragistas, otimistas com o progresso tecnológico observado ao longo do século XIX, podiam acreditar que a automação completa seria o sonho da dona de casa, libertando as mulheres para a vida pública, para atividades autônomas e para o lazer (EDWARDS, 2022). Dodd novamente não duvida da capacidade da automação em liberar a mulher do trabalho doméstico, mas não vê como positiva essa liberação, afinal a mulher foi atrasada por séculos pelo

próprio “desejo servil das mulheres de agradar seus maridos”.

48 O nome está oculto no original, em um recurso muito utilizado no século XIX.

49 A origem dessa convenção pode ser encontrada nos primórdios do gênero utópico. Em *Utopia* de Thomas Morus todos se vestem de maneira igual e sem luxo algum, preferindo roupas grosseiras em lã ou linho natural, sem requinte, estampas ou aparatos. As vestimentas designadas pelo estado também serão um elemento recorrente em ficção científica no século seguinte, marcando as diferentes castas sociais, em *Admirável Mundo Novo*, ou os uniformes do partido em *1984*. O controle da vestimenta é apresentado como uma ferramenta de controle da individualidade neste livro também, com Dodd destacando o papel das roupas iguais em suprimir as paixões românticas e a feminilidade.

50 O termo “erótico” aqui não tem as mesmas conotações de caráter licencioso ou sensual que assumirá depois, mas, de acordo com o *Webster’s Collegiate Dictionary* de 1898, significa (em tradução minha): “De ou pertinente ao amor; amoroso.”

51 No século XIX, emergiram importan-

tes movimentos femininos que buscavam a igualdade de direitos, o reconhecimento das mulheres como cidadãs plenas e o sufrágio feminino. O feminismo e o sufragismo ganharam força nesse período, impulsionados pelas vozes e ações de diversas mulheres corajosas e ativistas. Organizações como a National Woman Suffrage Association (Associação Nacional pelo Sufrágio Feminino), fundada em 1869, nos Estados Unidos, buscavam o direito ao voto, a igualdade perante a lei, a reforma dos direitos matrimoniais e o acesso à educação e ao emprego. No ano anterior à publicação deste livro, em 1886, saiu o terceiro volume de *History of Woman Suffrage*, editado por Elizabeth Cady Stanton, Susan B. Anthony e Matilda Joslyn Gage, demonstrando a atualidade das demandas a que Dodd se opõe em sua antiutopia.

52 A educação e criação infantil é outro elemento fundamental das utopias e distopias. Em obras como *Utopia* e *A Cidade do Sol*, a educação coletiva, controlada pelo Estado em instituições públicas, é considerada crucial para o desenvolvimento de uma sociedade ideal. Enquanto Morus ainda mantém uma estrutura familiar, em Campanella todos se chamam de irmãos e se vêem como filhos da pátria. Já nas distopias clássicas, como *Nós*,

Admirável Mundo Novo e 1984, a educação é uma ferramenta de controle social, subverte-se a estrutura familiar e as crianças são criadas pelo Estado, moldadas desde cedo para se encaixarem nas normas e valores impostos pela sociedade, limitando-se sua liberdade e autonomia.

53 “Home” no original.

54 “Wife” e em itálico no original.

55 Em *A Cidade do Sol*, *Nós* e *Admirável Mundo Novo* os costumes de casamento são abandonados em preferência ao pertencimento de todos por todos, de maneira estritamente controlada pelo Estado, para procriação, por prazer ou ambos. Dodd opta por manter o casamento monogâmico em sua sociedade do futuro e o sexo parece ser majoritariamente para a procriação considerando o esfriamento das paixões. Havia exemplos de grupos que pregavam o amor livre no período em que viveu a autora: por exemplo, a *Oneida Community*, uma comunidade religiosa que existiu em Nova Iorque, entre 1848 e 1881, que é comparada com a sociedade de *A República do futuro* em uma resenha publicada na revista *The Electric Magazine* de setembro de 1887. Mas o foco do livro é a monotonia e o embotamento da vida, então faz sentido a

escolha de manter casamentos monogâmicos, porém sem afeto.

56 O original “babel of tongues” se refere a história bíblica da Torre de Babel para aludir a uma confusão de falatório em que ninguém se entende.

57 De acordo com fontes antigas, Esparta colocava forte ênfase na vida comunal e na fidelidade ao estado, a educação dos meninos era realizada pelo Estado desde os sete anos de idade e havia participação em festivais e banquetes comunais. Em comparação com outras cidades da Grécia Antiga, as mulheres espartanas tinham mais autonomia: elas podiam possuir propriedades e administrá-las, participavam de jogos públicos e recebiam melhor educação (O’PRY, 2012).

58 No século XIX, a ideia de fim da história ganhou popularidade entre os intelectuais que acreditavam na evolução da civilização humana como um processo teleológico, ou seja, orientado a um destino final. Influenciados pelas teorias científicas e pelos avanços tecnológicos da época, muitos pensadores viam o progresso contínuo da sociedade como uma garantia de que a humanidade estava no caminho certo, embora alguns acreditassem em um percurso direto, como Herbert Spencer, e

outros em um progresso descontínuo, como Karl Marx. A utopia torna-se ucronia, imaginada não em um local distante e isolado, mas no futuro (ROEMER, 2010).

59 A autora sugere que a maquinaria, ao tornar o trabalho humano muito mais descartável, intensificou o desequilíbrio de poder entre capitalistas e trabalhadores, tornando quase impossível a ascensão social como ela vê em seu tempo, isto é, através do trabalho duro e da astúcia. A ideia não é completamente dissimilar da perspectiva de Marx de que, sob o sistema capitalista, os trabalhadores eram alienados de seu trabalho e dos produtos de seu trabalho, pois suas atividades eram controladas e direcionadas pelos proprietários das máquinas, os meios de produção. Em ambos os casos, as tensões sociais resultantes conduzem a transformação social, mas Dodd não vê esse movimento como positivo e prefere a sociedade desigual do século XIX.

60 Henry George (1839-1897) foi um escritor e economista americano que desempenhou um papel significativo no movimento reformista do final do século XIX. A “bíblia socialista” da república do futuro é sua obra mais famosa, intitulada *Progress and Poverty* e publicada em 1879, que fez enorme sucesso, provocando debates intensos sobre questões

econômicas e sociais. George defende a ideia, referida nesse trecho, de que a principal causa da pobreza é a distribuição desigual de terra, que deveria ser socializada por meio de um imposto único sobre o seu valor.

61 Ao longo do livro, os termos “socialismo” e “comunismo” são usados como sinônimos. De acordo com o *Webster’s Collegiate Dictionary* de 1898, o termo “socialismo” se referia a uma teoria ou sistema de reforma social que contemplava uma reconstrução da sociedade, com uma distribuição mais justa e equitativa de propriedade e trabalho. Já o termo “comunismo” significava um esquema de equalização das condições sociais de vida, especialmente pela abolição das desigualdades na posse de propriedade. Assim, o termo socialismo era mais amplo e poderia abranger vários sistemas políticos que visavam uma divisão mais igualitária de bens, incluindo o comunismo.

62 Se o termo “socialismo” podia se referir a uma gama de ideologias e movimentos políticos, muitos associados à intelectualidade da época, o anarquismo se refere, de acordo com o *Webster’s Collegiate Dictionary* de 1898, à (em tradução minha) “doutrina ou prática que advoga a ausência de governo; estado da sociedade onde não há lei ou poder supremo”,

sendo, portanto, um movimento mais definido e radical, frequentemente associado aos movimentos trabalhistas.

63 De acordo com Wasilewski (2017), os Distúrbios de Haymarket Square em 1886 desencadearam um medo anarquista nos EUA, atribuindo a imigrantes de esquerda a responsabilidade pelas agitações sociais. A imprensa americana os retratou como ameaças à ordem estabelecida e à identidade cultural do país, aproveitando-se do estereótipo do estrangeiro perigoso.

64 Obviamente a bomba atômica ainda estava longe de dominar o temor apocalíptico da tecnologia, mas já no século XIX houve um significativo desenvolvimento na tecnologia bélica. A descoberta do potencial explosivo da nitroglicerina por Alfred Nobel em 1866 levou à criação da dinamite, que teve um grande impacto na indústria e na guerra (WISNIAK, 2008). Outros explosivos e tecnologias bélicas, como a metralhadora, demonstravam como a ciência, tecnologia e indústria combinavam poder de destruição em uma escala inédita (ROEMER, 2010). A associação dos anarquistas com explosivos provavelmente foi influenciada pela revolta de Haymarket, um evento ocorrido em 1886, em Chicago. Uma manifestação pacífica dos

trabalhadores em prol da jornada de trabalho de oito horas acabou resultando em uma explosão e confrontos violentos com a polícia. Esse trágico episódio deixou diversos mortos e feridos, além de gerar um clima de repressão e medo em relação aos movimentos trabalhistas e sindicais.

65 Uma resenha ao livro de Dodd, publicada na edição de 20 de agosto de 1887 do jornal *The American*, discorda da caracterização dos irlandeses como um dos grupos estrangeiros que trazem as ideologias socialistas da Europa. Afirma que os irlandeses “nunca serão socialistas e estão se tornando donos de terras e, assim, inimigos das teorias de Henry George, tão rapidamente quanto qualquer outra raça na América.” A construção de estereótipos, típica do período de ampla difusão de ideais racistas e nacionalistas (POLIAKOV, 1974), não é questionada no periódico, que defende apenas um dos grupos como uma raça superior às demais a que foi igualado.

66 Quase 12 milhões de imigrantes chegaram aos Estados Unidos entre 1870 e 1900 - a maioria vinda da Alemanha, Irlanda e Inglaterra - com mais de 70% de todos os imigrantes entrando pela cidade de Nova York, onde Anna Bowman Dodd morava e provavelmente reprovava a política de fronteiras abertas

para a Europa no período. Ela própria se realocará para a França em 1899, onde viverá o resto da vida.

67 Aqui se apresenta outro argumento antiutópico, de fato o primeiro e mais básico argumento contra a crença de que reformas sociais são possíveis: ideias de como construir uma sociedade melhor são apresentadas como mera crença em teorias difundidas por proselitistas, sendo, na prática, outra coisa completamente diferente. Novamente, o conservadorismo à moda Burke se manifesta: os revolucionários são tolos, que podem conduzir ao desastre com suas ideias arrojadas. Em *Utopia* o argumento também já está colocado, no debate entre a política pragmática defendida pelo Thomas Morus ficcional e o idealista Rafael Hitlodeu.

68 Nem toda proposta de reforma social é igual, do ponto de vista do narrador das cartas: o anarquismo, radical demais, é completamente rejeitado, enquanto o socialismo, embora ainda muito criticado e satirizado, produz uma sociedade funcional, apenas extremamente monótona e aborrecida.

69 Outro argumento fundamental do temperamento antiutópico é a impossibilidade do paraíso terrestre devido à própria natureza

humana, intrinsecamente má. Ele se baseia na doutrina teológica do pecado original, em que, devido à natureza imperfeita e pecaminosa do homem, as tentativas de alcançar uma utopia são ilusórias e impraticáveis. A noção de paraíso terrestre é vista como uma tentação perigosa, pois sugere a possibilidade de uma perfeição inatingível e até mesmo herética. Como veremos no próximo capítulo, não é exatamente esse argumento que Dodd constrói, mas um retorno ao argumento aristotélico.

70 Dodd questiona mudanças sociais se fundamentando no mito do *self-made man*, que emerge no século XIX: cada um é responsável por sua própria grandeza e, com trabalho duro, dedicação e talento, qualquer pessoa, independentemente de sua origem, pode se impulsionar para uma posição social mais elevada. A liberdade de empreender e a competição saudável seriam os verdadeiros motores do progresso, rejeitando a noção de que reformas sociais ou utopias são necessárias.

71 O tempo de lazer é uma preocupação presente na construção de utopias. Em *Utopia*, os cidadãos trabalham seis horas por dia, mas não podem fazer o que quiserem com o tempo que sobra, não há atividades viciosas disponíveis, como bares, bordéis ou jogos de

azar, mas todos devem se dedicar aos estudos ou ao desenvolvimento de suas técnicas. Com a automação, o problema se torna ainda mais evidente: o que fazer com o tempo em uma sociedade onde o trabalho humano é menos necessário? Em *Nós*, os cidadãos têm a tábua das horas, que ditam exatamente o que devem fazer a cada instante, mas essa solução só faz crescer a insatisfação popular. Quem resolve o problema mais completamente é Huxley em *Admirável Mundo Novo*: os cidadãos são condicionados desde embriões a aceitar e ficarem satisfeitos com seus papéis sociais, seu trabalho e com as atividades disponíveis – têm, à disposição, uma gama de esportes, filmes de sensação, sexo livre e, caso nada mais lhes agrade, podem tomar soma, a droga aprovada pelo governo e sem efeitos colaterais.

72 O trabalho duro era parte de outras comunidades utópicas do século XIX e das utopias literárias pré-industriais. A crítica aqui é mais aos processos tecnológicos que substituem o trabalho manual, uma discussão presente ao longo de todo o século, mas muito em voga no período em que o livro foi publicado, quando cresciam as preocupações com índices de desemprego e criminalidade.

73 Ralph Waldo Emerson (1803-1882) foi um

filósofo, escritor e líder intelectual americano, sendo um dos principais expoentes do movimento transcendentalista. Emerson enfatizava a importância do individualismo, destacando o papel do intelecto humano como um agente transformador e questionando o poder institucional e a autoridade centralizada. Anna Bowman Dodd era uma admiradora do transcendentalismo americano, desde 1881, quando pesquisou e escreveu um artigo para o *Appleton's Journal* muito favorável a Concord School of Philosophy, centro do movimento. No artigo, Dodd chama Emerson de o maior filósofo americano e relata ter assistido uma palestra dele sobre aristocracia.

74 O sistema de serviço militar obrigatório na Prússia, estabelecido no século XVIII, conhecido como “Kantonsystem”, exigia que todos os homens fisicamente aptos servissem nas forças armadas por um determinado período de tempo. A Prússia estabeleceu um modelo de recrutamento e treinamento militar que se tornou referência para outros países europeus, sendo considerada uma das precursoras do serviço militar obrigatório moderno (HIPPLER, 2007).

75 Essa ideia de alternância no poder também pode ser encontrada em outras obras utópicas, como *Utopia* de Thomas More, onde os

magistrados são eleitos pelo povo para mandatos curtos e não podem ser reeleitos imediatamente.

76 O liberalismo clássico foi extremamente influente na construção dos ideais americanos desde a fundação do Estado, sendo pouco questionado na política até a Grande Depressão. Parte daí a construção da imagem dos americanos, ou *yankees*, como grandes empreendedores e defensores do capital livre em oposição aos estrangeiros com suas ideias subversivas.

77 Podemos encontrar a origem das ideias apresentadas neste capítulo e em grande parte de A República do futuro na palestra de Ralph Waldo Emerson que Dodd assistiu para seu artigo de 1881. Nela, Emerson diz: “Eu afirmo que as desigualdades existem, não em termos de costumes, mas nos poderes de expressão e ação; uma aristocracia primitiva. (...) A existência de uma classe alta não é prejudicial, desde que dependa do mérito. Enquanto isso for um estímulo para os corajosos e generosos. Essas distinções existem, e são profundas, não podem ser simplesmente debatidas ou votadas. Se as diferenças são orgânicas, também o são os méritos, ou seja, o poder e a excelência que descrevemos são reais. A aristocracia é a classe eminente pe-

las qualidades pessoais, e a eles pertence, sem precisar afirmar, uma influência adequada.” (EMERSON, 1904)

78 Em *Utopia*, de Thomas Morus, a religião é vista como essencial para a moral, mas existem templos públicos onde todos se reúnem para adorar o divino de acordo com rituais estabelecidos pelo Estado, a despeito da variedade de religiões que existem na ilha. A concepção moderna de religião civil, separada da igreja e do divino, desenvolveu-se durante o movimento Iluminista, particularmente na França revolucionária do final do século XVIII. Durante a Revolução Francesa, surgiu o Culto da Razão, uma tentativa de estabelecer uma religião civil baseada na razão e na adoração da virtude.

79 A revista *Catholic World*, de outubro de 1887, faz uma crítica positiva de *A República do Futuro*, na qual lamenta os horrores da sociedade socialista, quando todos os problemas da “justiça, liberdade, igualdade e fraternidade” (em tradução minha) se estabeleceram, sem Deus e sem religião. Na edição de dezembro do mesmo ano, um artigo defende a filosofia de São Tomás de Aquino e ataca o pensamento moderno (em tradução minha), afirmando que: “Tais falsos princípios fundamentais necessariamente destroem ou ex-

cluem a crença em Deus, na imortalidade e em uma justa retribuição após a morte. (...) Não devemos nos surpreender ao constatar que entre as pessoas que adotam tais princípios, o socialismo, o comunismo, o anarquismo, o divórcio, o suicídio, o infanticídio, a desonestidade e a imoralidade de todas as espécies encontram solo fértil para florescer e produzir frutos destrutivos para o bem-estar temporal e a felicidade eterna dos seres humanos.” Ao realizar uma crítica tanto contra as tendências tecnológicas do período quanto aos seus movimentos progressistas, Dodd se alinha ao pensamento religioso confessional que se opõe à epistemologia científica estabelecida no século XIX.

80 John Ruskin (1819-1900) foi um escritor, crítico de arte e filósofo britânico. O trecho referido pode ser encontrado no sexto capítulo “The Lamp of Memory” do livro *The Seven Lamps of Architecture*, originalmente publicado em 1849. Ruskin argumenta que a beleza pitoresca muitas vezes é encontrada na decadência e no envelhecimento dos edifícios, e que os elementos naturais como rachaduras, manchas e vegetação são sinais externos de sua maior glória, que é a idade, ou história (RUSKIN, 1925).

81 Enquanto a crítica do *The Catholic World*

e outras três encontradas no *The American* (de 20 de agosto de 1887), no *Journal of Education* (de 22 de setembro de 1887 e na revista *Education* (outubro de 1887) concordam que o livro corretamente leva as ideias de Henry George até as últimas consequências, duas outras, publicadas na *The Electric Magazine* (de setembro de 1887) e na revista *Science* (de 19 de agosto de 1887), afirmam que a autora certamente não leu *Progress and Poverty* [Progresso e Pobreza], já que a sociedade socialista que ela constrói nada tem a ver com as ideias do autor. De fato, George não trata de automação, sufrágio, nem muitos dos outros assuntos tratados em *A República do futuro*, mas argumenta a favor de um imposto único sobre a terra para acabar com a desigualdade. Em outras instâncias, ele rejeita diretamente o rótulo de socialista. Sua escolha como fundador pode estar relacionada com sua candidatura a prefeito de Nova Iorque em 1886, quando os sindicatos da cidade – muitos membros dos quais eram socialistas – o apoiaram em massa, levando-o a terminar a eleição em segundo lugar com 31% dos votos. O resultado impressionante assustou os democratas e, ao menos provisoriamente, Henry George foi a face do movimento trabalhista em Nova Iorque (GENOVESE, 1991).

82 O *Webster's Collegiate Dictionary* de 1898 define o termo “niilismo” como (em tradução minha): “[latim: nihil, nada] 1. Nulidade; nulidade absoluta. 2. Ceticismo em relação a todo conhecimento e realidade. 3. (Política) As teorias e práticas daqueles dedicados à destruição das instituições políticas, religiosas e sociais existentes.”

83 O livro de Henry George na verdade é intitulado *Progress and Poverty*, mas a tradução mantém como no original onde os termos estão, intencionalmente ou não, invertidos.

84 As utopias clássicas são situadas em outro lugar e narradas por um visitante europeu, o que permite transmitir o estranhamento com a sociedade imaginada, enquanto *Looking Backward* (1888), de Edward Bellamy, também é situada no futuro, mas o narrador é um homem do século XIX que dormiu por mais de um século graças a um truque de hipnose e, dessa forma, ele também é capaz de transmitir as maravilhas do futuro a partir de um olhar contemporâneo ao do leitor. Em *A República do futuro*, o narrador é do mesmo período da utopia que visita, mas de outro continente, aproximando o livro do gênero em que Anna Bowman Dodd era especialista: a narrativa de viagem. Nesse trecho, o narrador chama a Suécia de barbárica e a tecnologia é

claramente associada à república socialista ao longo da obra, mas ainda parece inverossímil que Hannevig saiba tão pouco do que acontece nos Estados Unidos e demonstre desconhecimento até do meio de transporte que parte da Europa.

Referências

ABBE, Truman; HOWSON, Hubert Abbe. *Robert Colgate, the immigrant: a genealogy of the New York Colgates and some associated lines*. New Haven: The Tuttle, Morehouse & Taylor Company, 1941.

ACKERMANN, Marsha. *Cool comfort: America's romance with air-conditioning*. Smithsonian Institution, 2010.

BELASCO, Warren. *Meals to come: A history of the future of food*. University of California Press, 2006.

BELLAMY, Edward. *Daqui a cem anos: revendo o futuro*. Coautoria de Myriam Campello. Rio de Janeiro, Record, c1960.

BULLEID, Joshua. "Meat Matters: Alternative Meats as Dystopian Signifiers in Science Fiction." *In Vitro Meat: Ethics and Culture Symposium*. 2021.

BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a revolução em França*. Brasília, Editora da UnB, c1982.

CAMPANELLA, Tommaso. *A Cidade do Sol: diálogo poético*. Tradução, estudo e notas Carlos Berriel. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2022.

CENTURY Association. Reports,

constitution, by-laws and list of members of the Century Association for the Year 1909. Boston. 1909.

CLARKE, Graham *et al.* The photograph. Oxford University Press, USA, 1997.

COHEN, Robert A. "The Pneumatic Mail Tubes: New York's Hidden Highway and Its Development". *In: Proceedings of the 1st International Symposium on Underground Freight Transport by Capsule Pipelines and Other Tube/Tunnel Systems*, Columbia, Missouri. 1999. pp. 189-202.

DODD, Anna Bowman. Cathedral Days: A Tour Through Southern England. Boston: Robert Brothers. 1887. Pp. 70-71.

DODD, Anna Bowman. *The Republic of the Future: or Socialism, a reality*. New York: Cassell & Cia. 1887.

EDWARDS, Caroline. "A Housewife's Dream? Automation and the Problem of Women's Free Time". *In: Technologies of Feminist Speculative Fiction: Gender, Artificial Life, and the Politics of Reproduction*. Cham: Springer International Publishing, 2022, pp. 111-137.

EMERSON, Ralph Waldo. The Complete

Works. Vol. I. Nature, Addresses and Lectures. 1904.

ERDŐS, László. “Pioneers of Animal Advocacy in the Nineteenth and the Early Twentieth Centuries”. *Green Heroes: From Buddha to Leonardo DiCaprio*, pp. 23-26, 2019.

FORSTER, E.M. “The Machine Stops”. *Collected Short Stories*. Harmondsworth: Penguin, 1972.

GENOVESE, Frank C. Henry George and Organized Labor: The 19th Century Economist and Social Philosopher Championed Labor’s Cause, but Used Its Candidacy for Propaganda. *American Journal of Economics and Sociology*, vol. 50, n. 1, pp. 113-127, 1991.

GILLISPIE, Charles Coulston. *The Montgolfier brothers and the invention of aviation 1783-1784: with a word on the importance of ballooning for the science of heat and the art of building railroads*. Princeton University Press, 2014.

GUARNIERI, Massimo. “Looking back to electric cars”. *In: 2012 Third IEEE HISToRY of ELeCTro-technology CONference (HISTELCON)*. IEEE, 2012, pp. 1-6.

HIPPLER, Thomas. *Citizens, Soldiers and National Armies: Military Service in France and Germany, 1789–1830*. Routledge, 2007.

HUGHES, Gordon; LAWSON, Claire. “RSPCA and the criminology of social control”. *Crime, law and social change*, vol. 55, pp. 375-389, 2011.

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Dominic Baker-Smith. London: Penguin. 2012.

MUNT, Christopher D. “A Century in the Baths”: Allan Bérubé, Spatial Politics and the History of the Bathhouse. 2019. Tese de Doutorado. Purdue University Graduate School.

NAGENGAST, Bernard. “Early twentieth century air-conditioning engineering: The first century of air conditioning”. *ASHRAE journal*, vol. 41, n. 3, p. 55, 1999.

NARTONIS, David K. “The rise of 19th-century American spiritualism, 1854–1873”. *Journal for the Scientific Study of Religion*, vol. 49, n. 2, pp. 361-373, 2010.

NEWTON, R. Heber. *Social Studies*. New York & London: G.P. Putnam ‘s Sons. 1887.

O'PRY, Kay. Social and political roles of women in Athens and Sparta. *Saber and Scroll*, vol. 1, n. 2, p. 3, 2012.

POHL, Frederick; KORNBLUTH, Cyril. *Os Mercadores do espaço*. Mem Martins: Publicações Europa-América. 1987.

POLIAKOV, Léon. *O mito ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva, 1974

ROEMER, Kenneth M. Nineteenth-Century Utopias. *The Cambridge companion to utopian literature*, pp. 79-106, 2010.

RUSKIN, John. *The Seven Lamps of Architecture*. London: George Allen & Unwin Ltd. 1925.

SEDGWICK, Ellery. "Magazines and the Profession of Authorship in the United States, 1840-1900". *The Papers of the Bibliographical Society of America*, vol. 94, vo. 3. 2000. pp. 399-425.

SHARP, Lynn L. *Secular spirituality: reincarnation and spiritism in nineteenth-century France*. Lexington Books, 2006.

SHARP, Lynn. "Metempsychosis and social reform: The individual and the collective in Romantic socialism". *French Historical*

Studies, vol. 27, n. 2, pp. 349-379, 2004.

STEELL, Willis. "Anne and Julian Green".
The Bookman. August 1932. Pp. 349.

STONE, Richard French (ed). Biography of
eminent American physicians and surgeons.
2d, rev. and enl. ed., representing all schools
of medicine. Indianapolis: C.E. Hollenbeck.
1898. P. 429.

WASILEWSKI, Krzysztof. The Image of
Immigrants as Anarchists in the American
Press, 1886-1888. *Hungarian Journal of
English and American Studies (HJEAS)*, vol.
23, n. 2, pp. 371-386, 2017.

WEBSTER, Noah. Webster Collegiate
Dictionary: a dictionary of the English
language. Springfield: G. & C Merriam Co.
1898

WELLS, Herbert George. A Máquina do
Tempo. Coleção Mundos da Ficção Científica.
N. 23, Francisco Alves, Rio de Janeiro. 1991.

WHITING, Lilian. The Golden Road.
Boston: Little, Brown, and Company. 1918.

WISNIAK, Jaime. The development of
Dynamite: From Braconnot to Nobel.
Educación química, vol. 19, n. 1, pp. 71-81,
2008.

ZAMIÁTIN, Ievguêni. *Nós*. São Paulo: Editora 34. 2017.

Título A República
do Futuro

Autoria Anna Bowman Dodd

Organização Denis Marcio
Rodrigues Junior

Coordenação editorial Márcia Abreu

Preparação de originais Brendon H. S. França

Revisão Stefanie de Souza
Pereira

Design de capa João Pedro Missi
Pereira

Projeto gráfico Presto Kowask

Diagramação Brendon H. S. França

Capa Brendon H. S. França

Formato 10cm x 18cm

Tipografia Minion Pro

Um futuro diferente dos descritos em utopias comuns. A República do futuro, criado por Anna Bowman Dodd, em 1887, é uma antiutopia, um retrato crítico de uma sociedade do futuro, de um ponto de vista pessimista e conservador. Neste livro, conhecemos a visão de uma autora reacionária, que expõe a estrutura e a funcionalidade de uma república socialista, de um ponto de vista negativo. Justamente por isso, a obra destoa de muitas das ficções científicas publicadas na mesma época. Publicada pela primeira vez em português, esta edição é enriquecida pelos textos de apoio do tradutor e organizador Denis Marcio Rodrigues Junior. Uma experiência de leitura impactante, principalmente para os fãs de sci-fi.